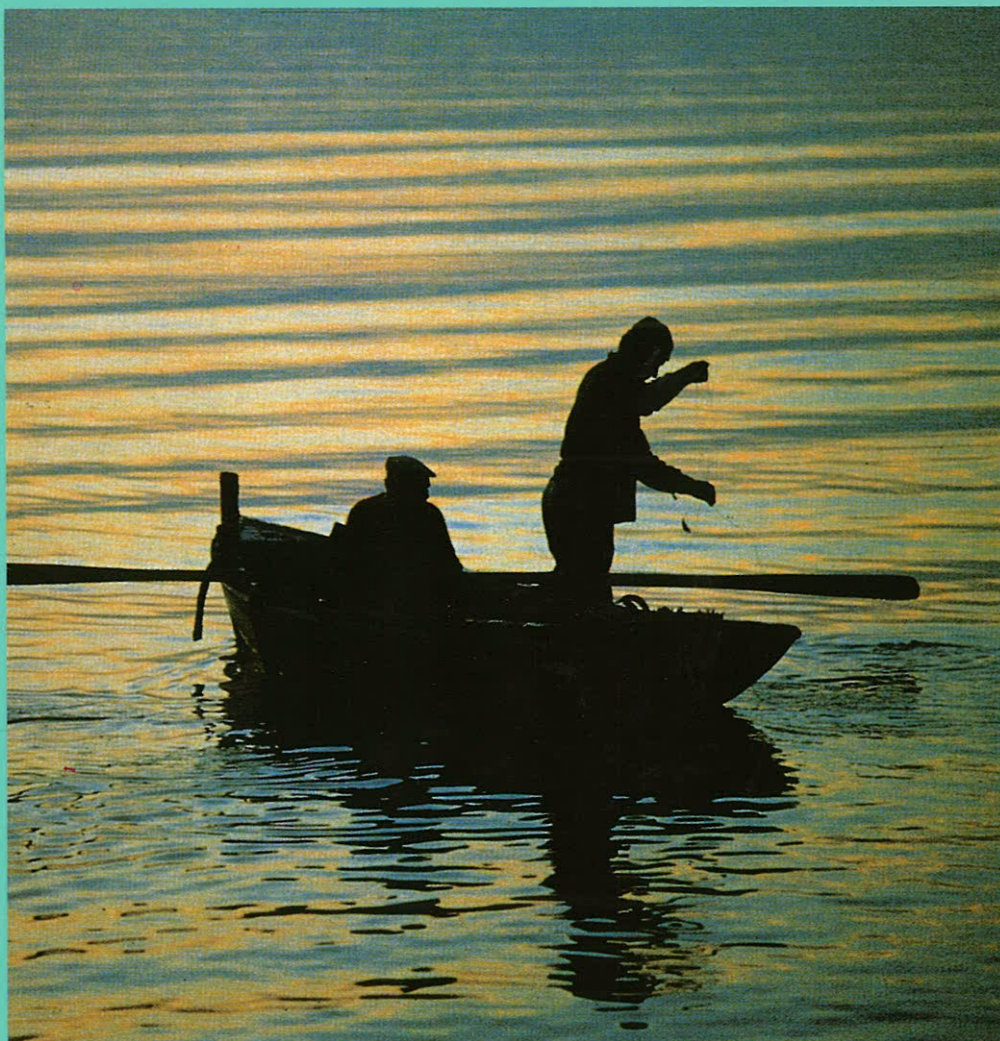


**CLASSIFICAÇÃO  
DE  
ARTES E MÉTODOS DE PESCA**

FERNANDO RUI REBORDÃO



INSTITUTO  
DE  
INVESTIGAÇÃO  
DAS PESCAS  
E DO MAR



As **PUBLICAÇÕES AVULSAS DO IPIMAR** destinam-se à divulgação de trabalhos originais e de síntese que, pela sua natureza, se não enquadram nas outras séries do IPIMAR e ainda à reedição e tradução de obras de reconhecido interesse para as ciências aquáticas e as pescas.

Esta colecção substitui as anteriores "Publicações avulsas" do INIP.

### **Edição**

INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO DAS PESCAS E DO MAR - IPIMAR  
Avenida de Brasília  
1449-006 LISBOA  
Portugal

### **Corpo Editorial**

Francisco Ruano - Coordenador  
Fátima Cardador  
Irineu Batista  
Manuela Falcão  
Teresa Monteiro  
Vitor Henriques

As instruções para os autores estão disponíveis no "site" do IPIMAR  
[www.ipimar.pt](http://www.ipimar.pt)  
ou podem ser solicitadas aos membros do Corpo Editorial desta publicação.

### **Permuta e Vendas**

IPIMAR/ Divisão de Documentação e Apoio ao Utente

Todos os direitos reservados.  
Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem autorização  
escrita do editor

**INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO DAS PESCAS E DO MAR**

---

**PUBLICAÇÕES AVULSAS DO IPIMAR**

**N.º 4**

**CLASSIFICAÇÃO  
DE  
ARTES E MÉTODOS DE PESCA**

**Fernando Rui Rebordão**

**Título:** Classificação de Artes e Métodos de Pesca  
**Autor:** Fernando Rui Rebordão  
**Editor:** Instituto de Investigação das Pescas e do Mar - IPIMAR  
**Capa:** Luís Catalan  
**Desenho gráfico:** Luís Catalan  
**Composição e Impressão:** Hipergráfica  
**Depósito Legal:** 158640 / 00  
**ISSN:** 0872-914X4  
**Tiragem:** 1500 exemplares

**Referência Bibliográfica:**

REBORDÃO, F.R., 2000 - Classificação de Artes e Métodos de Pesca, **Publicações avulsas do IPIMAR**, 4, 44 p. il.

Catálogo CIP

Rebordão, Fernando Rui, 1940

Classificação de artes e métodos de pesca. (Publicações avulsas do IPIMAR, 0872-914X; 4)

CDU 639.2

Descritores: Artes de Pesca / Métodos de Pesca / Pesca Artesanal / Portugal

## RESUMO

A classificação de métodos e artes de pesca agora apresentada, resulta de aperfeiçoamentos que foram considerados úteis introduzir na classificação desenvolvida na década de 80 e actualmente em uso no Banco Nacional de Dados de Pesca (BNDP).

Esta versão constitui uma proposta de classificação de modo a actualizar e a alargar a versão frequentemente usada actualmente em todo o país, com vista a poder-se dispor de um documento de trabalho mais eficaz que possa servir de apoio a actividades sectoriais diversas, de que são exemplo a elaboração reguladora da actividade da pesca e a construção e melhoramento de bases de dados.

**Palavras chave:** Artes de pesca, classificação, métodos de pesca

## ABSTRACT

**Title: Classification of Method and Fishing Gears.** The classification of method and fishing gears, now presented, is the result of important improvements carried on the old classification from the 80s and presently used by the National Fishing Database (BNDP).

This work is a proposal of classification aiming to improve and wide the present version used in Portugal. Alterations are made in order to have a more efficient document to support a broad range of sectorial activities such as fishing legislation and the implementation and upgrading of databases.

**Keywords:** Fishing gears, classification, fishing methods



## INTRODUÇÃO

A tecnologia de pesca, tal como está presente na Frota de Pesca Nacional, tem evoluído de forma particular em Portugal.

Esta evolução, se se atender às embarcações de maior porte, embora tenha conduzido à utilização de artes mais eficazes, fê-lo sem ter dado origem a uma grande diversificação. Constata-se que artes de um mesmo tipo mostram não ter havido sensível alteração nas respectivas características e no seu modo de utilização, pese embora que, quanto ao emprego de materiais de pesca a mudança foi por demais evidente.

No entanto, no que respeita à pesca efectuada por pequenas embarcações, vulgarmente designada “pequena pesca”, as alterações nas práticas de utilização que é possível reconhecer, mostram que se tem caminhado para o uso de uma grande variedade de artes e de procedimentos, a maioria das vezes como resultado do engenho individual. Este processo de mudança responde, na sua origem: i) à necessidade de explorar diferentes “nichos” numa costa já de si muito variada, ii) à pequena dimensão das embarcações que são utilizadas, as quais, em condições de mau tempo, estão imperativamente condenadas a operar em áreas muito restritas, iii) às características e aos comportamentos das espécies alvo. A situação de diversidade que actualmente se verifica, evoluiu de forma dispersa ao longo da costa, e deu origem a uma grande variedade de nomes (nomes vernáculos), para artes muito idênticas (ou até iguais), conforme a região ou o local. Por outro lado, também se encontra com frequência a atribuição do mesmo nome, ou de nomes semelhantes, a diferentes artes.

De facto, ao analisar a grande variedade de artes de que há notícia, constata-se que é possível fazer uma sistematização, ainda que sempre subjectiva, tendo em especial atenção as características e os modos de utilização.

Aquando do primeiro licenciamento efectuado pela ex-DGP (1989) foi levada a cabo uma primeira tentativa de sistematização das artes de pesca e adoptou-se então uma classificação que, pelo menos à data, satisfazia as necessidades identificadas e sentidas. Com o passar do tempo, no entanto, tem vindo a verificar-se um certo desajustamento, sendo cada vez mais imperativa a necessidade de melhorar a classificação utilizada. A actualização da classificação das artes a licenciar decorre, em particular, da evolução que ultimamente se verificou no processo de licenciamento, e é desejável, também, por força da elaboração de normativos adaptados às novas realidades (o que, recentemente, tem vindo progressivamente a ocorrer).

Por outro lado, atendendo a que o actual licenciamento se alicerça no sistema de classificação usado até agora, o qual integra a informação residente em diversas tabelas do Banco Nacional de Dados das Pescas (BNDP), adoptar uma alteração drástica por certo levaria a diversas situações de difícil - ou até impossível - solução, podendo mesmo tornar inoperativo o próprio sistema de licenças.

Assim, a sistematização (isto é, uma possível classificação de artes e métodos de pesca) que adiante se apresenta, deverá ser mais completa e pormenorizada do que a actualmente usada, mas será útil que tenha, como base, a Classificação de Artes e Métodos de Pesca, adoptada desde há muito no BNDP, com a qual, aliás, deverá estar de acordo sempre que possível e, por isso, representará uma evolução real face à situação vigente, sem que ocorram descontinuidades ou dificuldades verdadeiramente insuperáveis.

No estudo que se apresenta, os grupos propostos são, em princípio, designados pelos nomes já consagrados sem prejuízo de, em tempo oportuno, na legislação de carácter regional, se estabelecer a correspondência entre estes nomes e as designações regionais.

Segue, de imediato, uma “versão” da Classificação de Artes e Métodos de Pesca utilizada no BNDP, à qual, em 1997, se deu um novo arranjo na tentativa de a tornar mais abrangente e adequada. É esta versão que serviu como ponto de partida à actual revisão.

<b>CÓDIGO</b>	<b>CÓD_FAO</b>	<b>MÉTODO DE PESCA</b>
<b>1.00</b>	<b>MIS</b>	<b>APANHA (CAPTURA SEM UTENSÍLIOS)</b>
1.10	MIS	APANHA SEM MERGULHO
1.20	MIS	APANHA COM MERGULHO
1.30	MIS	APANHA COM ANIMAIS
<b>2.00</b>	<b>HAX</b>	<b>PESCA POR FERIMENTO</b>
2.10	HAX	FERIMENTO COM UTENSÍLIO DE MÃO
2.11	HAR	FERIMENTO - FISGA
2.20	HAX	FERIMENTO COM UTENSÍLIO DE ARREMESSO
2.21	HAR	FERIMENTO - ARPÃO
<b>3.00</b>	<b>MIS</b>	<b>PESCA POR ENTORPECIMENTO</b>
3.10	MIS	ENTORPECIMENTO POR ACÇÃO MECÂNICA
3.20	MIS	ENTORPECIMENTO POR ACÇÃO QUÍMICA
3.30	MIS	ENTORPECIMENTO POR CHOQUE ELÉCTRICO
<b>4.00</b>	<b>LX</b>	<b>PESCA À LINHA (PESCA POR APARELHO)</b>
4.10	LX	LINHA SEM ANZÓIS
4.20	LX	LINHA COM ANZÓIS
4.21	LHP	LINHA DE MÃO (INCLUI CANA)
4.25	LHP	LINHA DE MÃO - SALTO
4.26	LHP	LINHA DE MÃO - VARA, VARDASCA, VARDASCÃO
4.22	LLS	LINHA FIXA / FUNDEADA
4.23	LLD	LINHA DERIVANTE
4.24	LTL	LINHA REBOCADA (CORRICO)
4.30	LX	UTENSÍLIO DE DILACERAR
4.31	LX	DILACERAÇÃO POR TONEIRA
4.32	LX	DILACERAÇÃO (NÃO TONEIRA, GALHEIRO, ZAGAIA)
<b>5.00</b>	<b>FIX</b>	<b>PESCA POR ARMADILHAS</b>
5.10	FIX	ARMADILHA DE ABRIGO (ALCATRUZ, POTE, ETC.)
5.20	FWR	ARMADILHA DE BARRAGEM
5.30	FIX	ARMADILHA MECÂNICA
5.40	FPO	ARMADILHA CÓNICA ELEMENTAR
5.50	FPO	ARMADILHA TIPO GAIOLA
5.51	FYK	ARMADILHA / GAIOLA - GALRICO
5.52	FPO	ARMADILHA / GAIOLA - COVOS
5.53	FPO	ARMADILHA / GAIOLA - MUREJONA
5.60	FPN	ARMAÇÕES
<b>6.00</b>	<b>FAR</b>	<b>PESCA POR ARMADILHA DE SALTO</b>
6.10	FAR	ARMADILHA FIXA
6.20	FAR	ARMADILHA MÓVEL - FLUTUANTE ("VERANDA")

<b>CÓDIGO</b>	<b>CÓD_FAO</b>	<b>MÉTODO DE PESCA</b>
<b>7.00</b>	<b>MIS</b>	<b>PESCA POR REDE DE SACO COM BOCA FIXA</b>
7.10	LNP	REDE DE SACO TIPO CHALAVAR
7.20	LN	REDE DE SACO TIPO COLHER
7.30	FSN	REDE DE SACO TIPO BOTIRÃO
7.31	FSN	BOTIRÃO SEM ASA
7.32	FSN	BOTIRÃO COM ASA
<b>8.00</b>	<b>TX</b>	<b>PESCA POR ARTE DE ARRASTAR</b>
8.10	DRX	ARRASTO COM DRAGA
8.11	DRH	ARRASTO COM DRAGA DE MÃO
8.12	DRB	ARRASTO COM DRAGA REBOCADA ( GANCHORRA )
8.20	MIS	ARRASTO COM VARREDOURA ACTIVA
8.30	OTB	ARRASTO PELO FUNDO
8.31	TB	ARRASTO PELO FUNDO À VELA
8.32	PTB	ARRASTO PELO FUNDO DE PARELHA
8.33	TBB	ARRASTO PELO FUNDO DE VARA
8.36	TBB	ARRASTO PELO FUNDO CAMARÃO/PILADO (VARA)
8.34	OTB	ARRASTO PELO FUNDO C/ PORTAS (INCL. SEMI-PELÁGICO)
8.35	OTB	ARRASTO PELO FUNDO (CRUSTÁCEOS)
8.37	TBB	ARRASTO PELO FUNDO CAMARÃO/PILADO
8.40	TM	ARRASTO PELÁGICO
8.41	OTM	ARRASTO PELÁGICO COM PORTAS
8.42	PTM	ARRASTO PELÁGICO DE PARELHA
<b>9.00</b>	<b>SX</b>	<b>PESCA POR ARTE ENVOLVENTE-ARRASTANTE</b>
9.10	SX	ARTE ENVOLV-ARRASTANTE DE MÃO (DUAS VARAS, ETC.)
9.20	SX	ARTE ENVOLVENTE-ARRASTANTE ( <i>STRICTO SENSU</i> )
9.21	SSC	ARTE ENV-ARRASTANTE DE ALAR PARA A PRAIA
9.22	SDN	ARTE ENV-ARRASTANTE DE ALAR PARA O BARCO
<b>10.00</b>	<b>SX</b>	<b>PESCA POR ARTE ENVOLVENTE - CERCO</b>
10.10	LA	CERCO TIPO LÂMPARA MEDITERRÂNICA
10.20	PS	CERCO AMERICANO
10.21	PS1	CERCO AMERICANO (1 BARCO)
10.22	PS2	CERCO AMERICANO (2 BARCOS)
10.30	LA	CERCO TIPO LÂMPARA SUL-AFRICANA
<b>11.00</b>	<b>MIS</b>	<b>PESCA POR ARTE DE LEVA</b>
11.10	MIS	ARTE DE LEVA ESTACIONARIA - FIXA (TELA)
11.20	MIS	ARTE DE LEVA MÓVEL

<b>CÓDIGO</b>	<b>CÓD_FAO</b>	<b>MÉTODO DE PESCA</b>
<b>12.00</b>	<b>LN</b>	<b>PESCA POR SACADA</b>
12.10	LNP	COLHER MANUAL (RAPETA)
12.20	LNB	REDE DE SACADA PARA EMBARCAÇÃO
12.30	LNS	REDE DE SACADA PARA TERRA
<b>13.00</b>	<b>MIS</b>	<b>PESCA POR ARTE LANÇADA</b>
13.10	MIS	ARTE LANÇADA / CAMPÂNULA (Rígida)
13.20	FCN	ARTE LANÇADA / TARRAFA
<b>14.00</b>	<b>GN</b>	<b>PESCA POR ARTE DE EMALHAR</b>
14.10	GNS	REDE DE EMALHAR APOITADA
14.11	GNS	REDE DE EMALHAR APOITADA DE FUNDO
14.12	GN	REDE DE EMALHAR APOITADA DE SUPERFÍCIE
14.13	GN	REDE DE EMALHAR APOITADA DE MEIA-ÁGUA
14.20	GND	REDE DE EMALHAR DERIVANTE
14.21	GN	REDE DE EMALHAR PARA GRANDES PELÁGICOS
14.22	GN	REDE DE EMALHAR PARA PEQUENOS PELÁGICOS
14.30	GCN	REDE DE EMALHAR DE LEVA MEIO-ENVOLVENTE
14.40	GN	REDE DE EMALHAR DE DOIS PANOS
14.41	GN	REDE DE EMALHAR DE DOIS PANOS SOBREPOSTOS
14.90	GTR	TRESMALHO (REDE DE EMALHAR DE TRÊS PANOS)
14.91	GTR	TRESMALHO FUNDEADO
14.92	GTR	TRESMALHO DE DERIVA
<b>15.00</b>	<b>HMX</b>	<b>PESCA POR MÁQUINA DE COLHEITA</b>
15.10	HMP	CHUPADOR
15.20	HMD	DRAGA MECÂNICA
15.30	HMX	COMPRESSOR DE AR MANUAL (BOMBA)
<b>97.00</b>	<b>RG</b>	<b>ARTES DE RECREIO (PESCA DESPORTIVA E RECREATIVA)</b>
97.10	MIS	APANHA SEM MERGULHO
97.20	HAX	FERIMENTO COM UTENSÍLIO DE ARREMESSO
97.21	HAR	FERIMENTO - ARPÃO (CAÇA SUBMARINA)
97.30	LHP	LINHA DE MÃO (INCLUI CANA)
97.40	LLS	LINHA FIXA FUNDEADA
97.50	LLD	LINHA DERIVANTE
97.60	LTL	LINHA REBOCADA (CORRICO)
<b>99.00</b>	<b>NK</b>	<b>ARTE DESCONHECIDA</b>

A Classificação de Métodos e Artes de Pesca, que acima se apresenta, é o resultado de alterações e “aperfeiçoamentos” que foi considerado útil ou indispensável introduzir, ao longo do tempo e de acordo com a experiência adquirida no desenvolvimento do Banco Nacional de Dados da Pesca (BNDP) - criado pelo ex-GEPP (Gabinete de Estudos e Planeamento das Pescas), hoje sediado na Direcção Geral das Pescas e Aquicultura (DGPA) -, numa Classificação inicialmente desenvolvida no Serviço de Técnicas e Métodos de Pesca, do ex-INIP dos anos 80. A versão aqui registada constitui uma proposta de discussão com vista a melhorar e actualizar (e, eventualmente, complementar) a versão mais frequentemente empregue no nosso País na actualidade - a tabela “ARTES” do BNDP.

Como base de partida, esta Classificação - forçosamente artificial e subjectiva, como é apanágio de qualquer tentativa de ordenar por classes a diversidade existente no mundo real, recorrendo a práticas de Taxonomia e Nomenclatura - é a versão portuguesa do sistema de classificação proposto para uso internacional pelo Prof. A. von Brandt, em 1964<sup>1</sup>. A tradução deve-se a David Bragança Gil e data de Fevereiro de 1968.

Com a actualização da proposta de A. von Brandt, publicada na edição de 1972 do seu “Fishing Catching Methods of the World” ( 2ª Edição ), em Março de 1974, Bragança Gil e Rebordão reformulam a versão portuguesa. Embora reconhecendo que se tratava apenas de uma entre várias classificações existentes sobre a matéria, resolvem segui-la *“tão de perto quanto possível, ..., não só por se considerar bastante adequada mas ainda pelo inegável interesse de que se reveste ... e por se ter a notícia de que está a ser seguida em diversos locais do globo”*.

Pelas mesmas razões é essa versão actualizada que tem sido utilizada nas cadeiras de Tecnologia da Pesca, dos cursos de Marinheiro Pescador, Contramestre Pescador, Mestre Costeiro Pescador e Mestres do Largo, ministrados na Escola de Pesca de Lisboa - actual Escola de Pesca e da Marinha de Comércio - desde a reabertura, em 1976, até ao presente. Por todas estas razões a “Classificação de Artes e Métodos de Pesca” foi adoptada e incluída no BNDP, por proposta do autor, não sem que tenha sido insistentemente procurada,

---

1 - Fishing Catching Methods of the World, Andres von Brandt, Fishing News (Books) Ltd - London, 1964.

na altura, a colaboração da Direcção Geral das Pescas e do Instituto Nacional de Investigação das Pescas com o intuito de a melhorar, de a adaptar às diferentes necessidades e de a complementar - o que, não foi possível conseguir na ocasião.

Sendo assim, é de notar que nesta proposta de Classificação de Métodos e Artes de Pesca se segue, de um modo geral, o critério de partir de formas mais simples para formas mais complexas, sem levar em consideração o desenvolvimento relativo de umas e outras; mas nem sempre foi seguido este critério com rigor. De facto, o grupo dos Aparelhos deveria aparecer sequencialmente depois das Armadilhas; as Armadilhas de Salto estariam perfeitamente agrupadas com as restantes armadilhas; muitas das subdivisões ainda hoje em uso poderiam ser bem diferentes ou estarem afectadas a outros conjuntos. As justificações possíveis decorrem da opção primeira: isto é, por um lado seguir, tão de perto quanto possível, as propostas iniciais de von Brandt - nas versões mais recentes da Classificação (1987) - e, por outro lado, alterar apenas o que fosse sendo imperativo mudar (incluindo a introdução de outros agrupamentos e/ou de novos códigos).

Recentemente foi iniciada a revisão da legislação que regula a actividade de pesca, desde logo se reconhecendo como especialmente conveniente poder dispor de uma classificação de artes e métodos de pesca actualizada. Em consequência foi criado um grupo de trabalho, por despacho do Secretário de Estado das Pescas (Despacho nº 9822/97 de 14 de Outubro), publicado no Diário da República nº 247 (II Série) de 24.10.97.

Na prossecução do superiormente determinado teve o grupo de trabalho especial atenção no sentido de: i) manter a Classificação a adoptar tão próxima quanto possível daquela que, até à data, tem vindo a ser utilizada; ii) garantir que essa mesma Classificação contemple todas as situações detectadas, até ao momento, na Divisão de Licenciamento e Controlo do Esforço de Pesca, da DGPA; iii) facilitar, na medida do possível, a decorrente e indispensável actualização da informação contida no BNDP.

Assim sendo, é a seguinte a Classificação que se propõe:

CÓDIGOS			MÉTODO DE CAPTURA
BNDP	FAO	PROPOSTO	
<b>1.000</b>	<b>MIS</b>	<b>1.000</b>	<b>APANHA (CAPTURA SEM UTENSÍLIOS) individual</b>
1.100	MIS	1.100	APANHA SEM MERGULHO
1.200	MIS	1.200	APANHA COM MERGULHO
1.300	MIS	1.300	APANHA COM ANIMAIS
<b>2.000</b>	<b>HAX</b>	<b>2.000</b>	<b>PESCA POR FERIMENTO</b>
2.100	HAX	2.100	FERIMENTO COM UTENSÍLIO DE MÃO
2.100	HAR	2.110	FERIMENTO - FISGA, BICHEIRO, ANCINHO, GALHEIRO <sup>ii</sup>
2.200	HAX	2.200	FERIMENTO COM UTENSÍLIO DE ARREMesso
2.201	HAR	2.210	FERIMENTO - ARPÃO, ESPINGARDA, BESTA, LANÇA
<b>3.000</b>	<b>MIS</b>	<b>3.000</b>	<b>PESCA POR ENTORPECIMENTO</b>
3.100	MIS	3.100	ENTORPECIMENTO POR ACÇÃO MECÂNICA (Onda de pressão, explosão)
3.200	MIS	3.200	ENTORPECIMENTO POR ACÇÃO QUÍMICA (Envenenamento, anestesia)
3.300	MIS	3.300	ENTORPECIMENTO POR CHOQUE ELÉCTRICO (Electronarcese, electrocinésia)
<b>4.000</b>	<b>LX</b>	<b>4.000</b>	<b>PESCA A LINHA (PESCA POR APARELHO)</b>
4.100	LX	4.100	LINHA SEM ANZÓIS (Molhada, Minhocada, Sertela)
4.200	LX	4.200	LINHA COM ANZÓIS
4.210	LHP	4.210	LINHA DE MÃO
4.210	LHP	4.211	Linha de mão (propriamente dita)
4.210	LHP	4.212	Linha de mão (CANA DE PESCA)
4.250	LHP	4.213	Linha de mão (SALTO)
4.260	LHP	4.214	Linha de mão (VARA, VARDASCA, VARDASCÃO)
4.220	LLS	4.220	PALANGRE / ESPINEL <sup>iii</sup>
4.220	LLS	4.221	Linha fundeada (Fixa ou Apointada)
4.230	LLD	4.222	Linha derivante (de deriva)
4.240	LTL	4.240	LINHA REBOCADA (CORRICO)
4.300	LX	4.300	UTENSÍLIO DE DILACERAR
4.310	LX	4.310	DILACERAÇÃO POR TONEIRA
4.320	LX	4.320	DILACERAÇÃO (NÃO TONEIRA, ZAGAIA, ETC.)
<b>5.000</b>	<b>FIX</b>	<b>5.000</b>	<b>PESCA POR ARMADILHAS</b>
5.100	FIX	5.100	ARMADILHA DE ABRIGO (ALCATRUZ, POTE, BOTILHÃO, ETC.)
5.400	FPO	5.110	ARMADILHA CÓNICA ELEMENTAR
5.200	FWR	5.200	ARMADILHA DE BARRAGEM Tela
5.600	FPN	5.210	ARMAÇÕES <sup>iii</sup>
5.300	FIX	5.300	ARMADILHA MECÂNICA
5.500	FPO	5.500	ARMADILHA / GAIOLA
5.501	FYK	5.510	ARMADILHA / GAIOLA - NASSA <sup>iv</sup>
5.501	FYK	5.511	ARMADILHA / GAIOLA - GALRICO
5.502	FPO	5.520	ARMADILHA / GAIOLA - COVO <sup>v</sup>
5.502	FPO	5.521	ARMADILHA / GAIOLA - MUREJONAS

CÓDIGOS			MÉTODO DE CAPTURA
BNDP	FAO	PROPOSTO	
<b>6.000</b>	<b>FAR</b>	<b>6.000</b>	<b>PESCA POR ARMADILHA DE SALTO</b>
6.100	FAR	6.100	ARMADILHA FIXA (PARREIRA)
6.200	FAR	6.200	ARMADILHA MÓVEL - FLUTUANTE ("VERANDA")
<b>7.000</b>	<b>MIS</b>	<b>7.000</b>	<b>PESCA POR REDE DE SACO COM BOCA FIXA</b>
7.100	LNP	7.100	REDE DE SACO TIPO CHALAVAR <sup>vii</sup>
7.200	LN	7.200	REDE DE SACO TIPO COLHER
7.300	FSN	7.300	REDE DE SACO TIPO BOTIRÃO
7.301	FSN	7.310	BOTIRÃO SEM ASA
7.302	FSN	7.320	BOTIRÃO COM ASA
<b>8.000</b>	<b>TX</b>	<b>8.000</b>	<b>PESCA POR ARTE DE ARRASTAR</b>
8.100	DRX	8.100	ARRASTO COM DRAGA
8.101	DRH	8.110	ARRASTO COM DRAGA DE MÃO
8.102	DRB	8.120	ARRASTO COM DRAGA REBOCADA ( GANCHORRA )
8.200	MIS	8.200	ARRASTO COM VARREDOURA ACTIVA
8.300	OTB	8.300	ARRASTO PELO FUNDO
8.301	TB	8.310	ARRASTO PELO FUNDO A VELA
8.303	TBB	8.320	ARRASTO PELO FUNDO DE VARA <sup>viii</sup>
8.304	OTB	8.330	ARRASTO PELO FUNDO C/ PORTAS (INCL.SEMI-PELÁGICO) <sup>viii</sup>
8.302	PTB	8.340	ARRASTO PELO FUNDO DE PARELHA
8.400	TM	8.400	ARRASTO PELÁGICO
8.301	TB	8.410	ARRASTO PELÁGICO A VELA
8.401	OTM	8.430	ARRASTO PELÁGICO COM PORTAS
8.402	PTM	8.440	ARRASTO PELÁGICO DE PARELHA
<b>9.000</b>	<b>SX</b>	<b>9.000</b>	<b>PESCA POR ARTE ENVOLVENTE-ARRASTANTE</b>
9.100	SX	9.100	ARTE ENVOLV-ARRASTANTE DE MÃO <sup>ix</sup>
9.200	SX	9.200	ARTE ENVOLVENTE-ARRASTANTE ( <i>STRICTO SENSU</i> )
9.201	SSC	9.210	ARTE ENV-ARRASTANTE DE ALAR PARA PRAIA
9.202	SDN	9.220	ARTE ENV-ARRASTANTE DE ALAR PARA BARCO
<b>10.000</b>	<b>SX</b>	<b>10.000</b>	<b>PESCA POR ARTE ENVOLVENTE - CERCO</b>
10.100	LA	10.100	CERCO TIPO LÂMPARA MEDITERRÂNICA
10.200	PS	10.200	CERCO AMERICANO
10.201	PS1	10.210	CERCO AMERICANO (1 EMBARCAÇÃO)
10.202	PS2	10.220	CERCO AMERICANO (2 EMBARCAÇÕES)
10.300	LA	10.300	CERCO TIPO LAMPARA SUL-AFRICANA
<b>11.000</b>	<b>MIS</b>	<b>11.000</b>	<b>PESCA POR ARTES DE LEVA</b>
11.100	MIS	11.100	ARTE DE LEVA ESTACIONÁRIA - FIXA
11.200	MIS	11.200	ARTE DE LEVA MÓVEL

CÓDIGO			MÉTODO DE CAPTURA
BNDP	FAO	PROPOSTO	
<b>12.000</b>	<b>LN</b>	<b>12.000</b>	<b>PESCA POR SACADA</b>
12.100	LNP	12.100	COLHERES (RAPETA)
12.200	LNB	12.200	REDE DE SACADA PARA EMBARCAÇÃO
12.300	LNS	12.300	REDE DE SACADA PARA TERRA
<b>13.000</b>	<b>MIS</b>	<b>13.000</b>	<b>PESCA POR ARTE LANÇADA</b>
13.100	MIS	13.100	ARTE LANÇADA / CAMPÂNULA
13.200	FCN	13.200	ARTE LANÇADA / TARRAFA
<b>14.000</b>	<b>GN</b>	<b>14.000</b>	<b>PESCA POR REDE DE EMALHAR</b>
14.100	GNS	14.100	REDE DE EMALHAR DE UM PANO
14.100	GNS	14.110	REDE DE EMALHAR FUNDEADA
14.200	GND	14.120	REDE DE EMALHAR DERIVANTE
14.400	GN	14.200	REDE DE EMALHAR DE DOIS PANOS
14.100	GNS	14.210	REDE DE EMALHAR FUNDEADA
14.200	GND	14.220	REDE DE EMALHAR DERIVANTE
14.410	GN	14.230	REDE DE EMALHAR DE DOIS PANOS SOBREPOSTOS
14.100	GNS	14.231	REDE DE EMALHAR FUNDEADA
14.200	GND	14.232	REDE DE EMALHAR DERIVANTE
14.900	GTR	14.300	REDE DE EMALHAR DE TRÊS PANOS (TRESMALHO)
14.910	GTR	14.310	TRESMALHO FUNDEADO
14.920	GTR	14.320	TRESMALHO DE DERIVA
<b>15.000</b>	<b>HMX</b>	<b>15.000</b>	<b>MÁQUINA DE COLHEITA</b>
15.100	HMP	15.100	CHUPADOR
15.200	HMD	15.200	DRAGA MECÂNICA
15.300	HMX	15.300	COMPRESSOR DE AR MANUAL (BOMBA)
<b>80.000</b>	<b>MIS</b>	<b>80.000</b>	<b>ARTES ESPECIAIS OU COM LICENÇA PRECÁRIA</b>
98.000	MIS	98.000	ARTES DIVERSAS
<b>99.000</b>	<b>NK</b>	<b>99.000</b>	<b>ARTE DESCONHECIDA</b>

*Notas:*

- i) **Galheiro** - Poderia ser de dilacerar, mas **não tem linha** mas sim vara.
- ii) Os **aparelhos de muitos anzóis** podem considerar-se ainda como :  
**de fundo** (palanqueado ou não)  
**de meia-água**  
**de superfície** (que inclui o de sub-superfície)
- iii) **Armações** são complexas armadilhas de barragem.
- iv) Forma geral cilíndrica, geralmente desmontáveis, de rede flexível e aros.  
Inclui **pequenos botirões** e os **galrichos**
- v) Paralelepípedicos, cilíndricos, prismáticos ou esferóides, de estrutura rígida
- vi) Além de capturar "ensaca", "agasalha"...
- vii) Inclui as **redes camaroeiras e do pilado**
- viii) Inclui o arrasto com **redes ditas semi-pelágicas**
- ix) **Coa, rede de duas varas, rede pé,** etc.

Actualmente, e como consequência do que acima já foi dito, a Classificação de Artes e Métodos de Pesca compreende 17 grandes grupos. Às iniciais 16 grandes divisões de von Brandt, vieram juntar-se os grupos designados por *Artes Especiais ou Com Licença Precária* (Pesca com artes em desenvolvimento e/ou experimentação, ou exploração especialmente cautelosa de espécies menos bem conhecidas ou em situação particular de risco) e *Arte Desconhecida*, e foram, ainda, incluídas no grupo **Pesca por Redes de Emalhar** as artes consideradas pelo autor original como Redes de Enredar.

Pretende-se que, nos **grandes grupos** considerados, fiquem incluídos todos os utensílios, máquinas, aparelhos, artes e métodos ou técnicas usadas na captura dos organismos vivos do meio aquático. Esses grandes grupos estão distribuídos por **sub-grupos**, os quais, se necessário, se subdividiram, por sua vez, sempre que foi julgado útil, conveniente ou imperativo.

### **Grupo 1 - APANHA (Captura sem Utensílios)**

A “**Apanha**”, ou seja a “captura à mão”, sem recurso a dispositivos especiais, compreende as **actividades individuais** de pesca em que, de um modo geral, não são utilizados utensílios **especialmente fabricados** para esse fim. Emprega-se a mão - ou o pé -, ou, quanto muito, uma faca, um arame, um prego, etc. - empregues como um prolongamento da mão na sua acção de pesca -, ou, ainda, um animal, **sem provocar ferimentos graves** nas presas.

Usa-se este método - muitas vezes também designado por **colheita** - na pesca de peixes, crustáceos, moluscos, espongiários, plantas aquáticas, etc., admitindo-se que o método de trabalho possa incluir dispositivos para depósito e/ou transporte dos resultados da captura (por exemplo: sacos, cestos) e também utensílios para concentração e recolha de plantas marinhas (engaço, ancinho (parte), rodo).

Quando o apanhador necessite mergulhar, aceita-se que possa estar equipado com instrumentos auxiliares de mergulho (incluindo o escafandro).

A **apanha com animais** conta com o auxílio de animais especialmente adestrados para esse fim, como o cão, a lontra, o corvo marinho, a rémora, o golfinho(?).

Note-se, finalmente, que a *faca de mariscar*, a *arrilhada* (para os percebes) e a *adriça* (para o longueirão) são artefactos especialmente construídos para auxiliar ou potenciar a apanha; no entanto, desde que não firam gravemente os exemplares capturados e, no fundo, ao serem empregues como um prolongamento da mão na sua acção de pesca, devem incluir-se neste grupo.

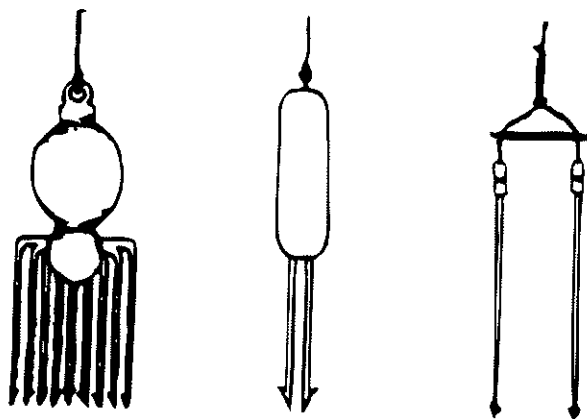
## Grupo 2 - PESCA POR FERIMENTO

Fazem parte deste grupo os métodos de captura nos quais a presa é lesionada por acção de instrumento perfurante, havendo a intenção de provocar ferimento profundo.

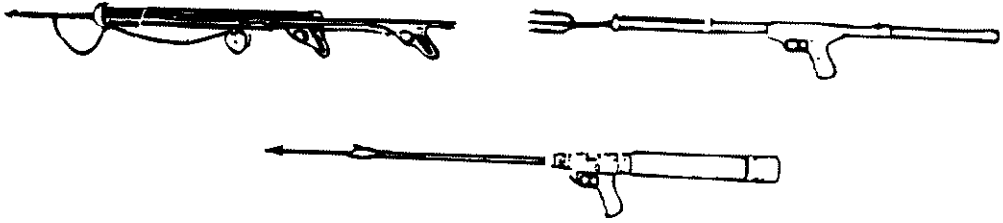
Os instrumentos de pesca classificados neste grupo podem actuar solidários com a mão do operador ou não. Assim se distinguem, respectivamente, os sub-grupos **2.10 - Ferimento com utensílio de mão** (figurando aqui as *fisgas*, os *arpões de mão*, os *ancinhos*, os *pentes*, as *pinças*, os *bicheiros*, etc. e, frequentemente, a *arrilhada* e, por vezes, a *faca de mariscar* e a *adriça*) e **2.20 - Ferimento com utensílio de arremesso** (entre os quais se encontram as *lanças*, as *flechas* - arco e flecha, besta -, os *arpões lançados*, os *arpões lastrados*, os *projecteis* de armas de fogo (zagalotes, balas), de ar comprimido ou de elásticos (arpões)).



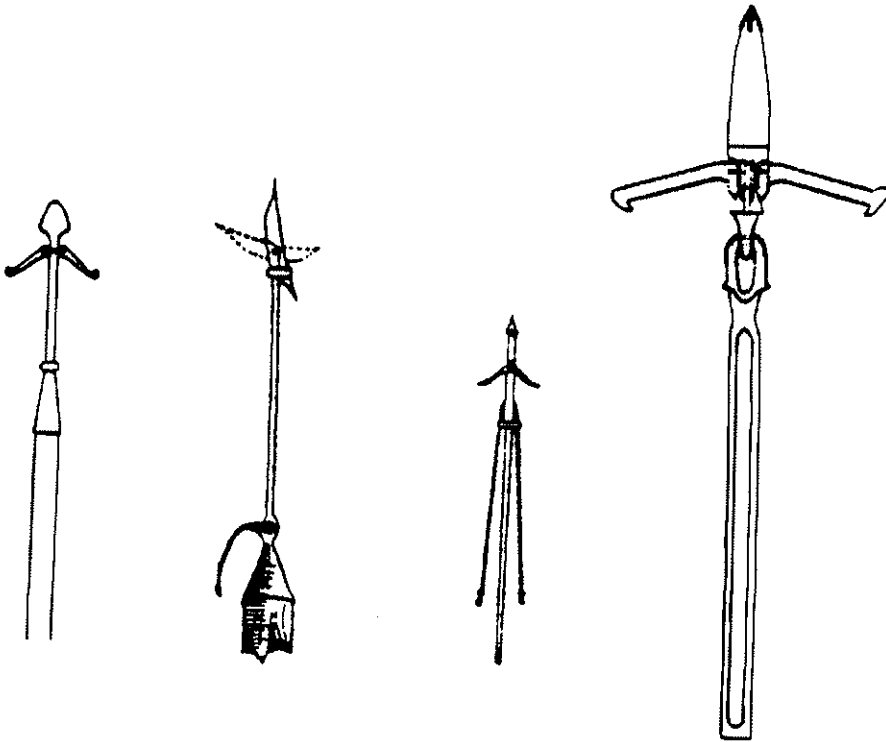
2.100 - PESCA POR FERIMENTO (Ponta de Bicheiro)



2.200 - PESCA POR FERIMENTO (Arpões lastrados)



2.200 - PESCA POR FERIMENTO (Espingardas sub-aquáticas)



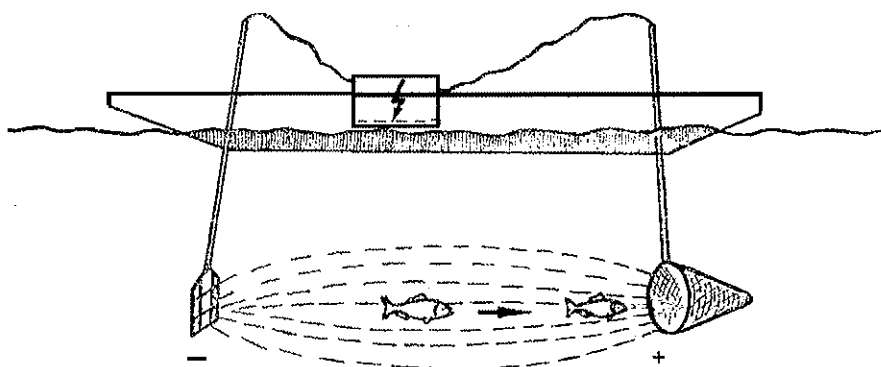
2.200 - PESCA POR FERIMENTO (Arpões)

### **Grupo 3 - PESCA POR ENTORPECIMENTO**

São considerados neste grande grupo todos os métodos pelos quais o pescador provoca na presa perda de vitalidade, diminuindo ou eliminando as reacções e a fuga, ou até a paralisia total ou mesmo a morte.

Depende do tipo de acção empreendida e que imediatamente precede a captura, pode dizer-se que a pesca resulta de uma **acção mecânica** (uso de *explosivos*, *projecteis* de grande tamanho, *bastão*, *cacete*, *“tira-teimas”*, ou outros),

de uma **acção química** (que inclui todos os tipos de *intoxicação* - envenenamento), ou se trata de **pesca eléctrica**<sup>2</sup> se recorre a correntes eléctricas com características muito específicas, e tem, como objectivo, entorpecer, descontrolar, paralisar ou matar as presas - as quais, por via de regra, para que sejam efectivamente capturadas, necessitam da acção complementar de redes, chupadores, ou outros dispositivos.



3.300 - PESCA POR ENTORPECIMENTO (Choque eléctrico)

#### **Grupo 4 - PESCA À LINHA**

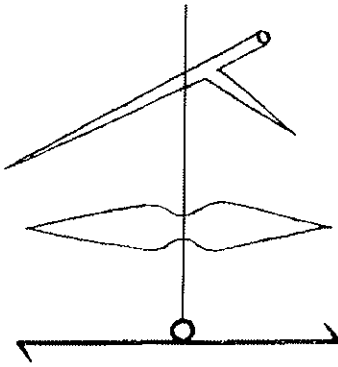
Inclui métodos e instrumentos extremamente diversificados que se caracterizam pela utilização ou pela simples **existência fundamental de linhas e**, salvo muito raras excepções, **de um ou mais anzóis** (ou estrutura equivalente, como acontece com as toneiras ou taloeiras, por exemplo).

O sub-grupo **4.10 - Linha sem Anzóis** corresponde a dispositivos ou métodos que dispensam a existência de anzóis (ou equivalente). Como exemplo cita-se a “*molhada*”, “*sertela*”, “*romilhão*” ou “*minhocada*” frequente na pesca da enguia.

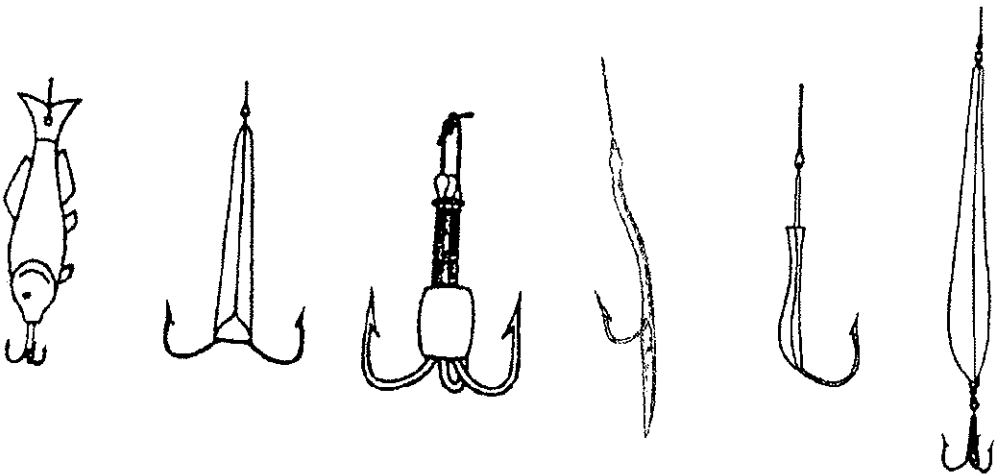
Ao conjunto **4.20 - Linha com Anzóis**<sup>3</sup> corresponde toda a restante diversidade de arranjos, praticamente impossível de nomear ou descrever de modo exaustivo. Nesta Classificação apontam-se, apenas, possíveis principais

<sup>2</sup> - Não confundir com **atração luminosa** recorrendo à energia eléctrica. Neste caso a electricidade é empregue **apenas** com o objectivo de provocar concentração dos indivíduos a capturar - pelo que deve ser tida como meio auxiliar de pesca, mas não como método de pesca propriamente dito.

<sup>3</sup> - Distinguir anzóis direitos e curvos parece não ser de considerar nesta classificação. Actualmente os anzóis direitos apenas se utilizam em zonas onde seja difícil ou impossível a obtenção de anzóis metálicos, em aço, hoje profusamente divulgados.

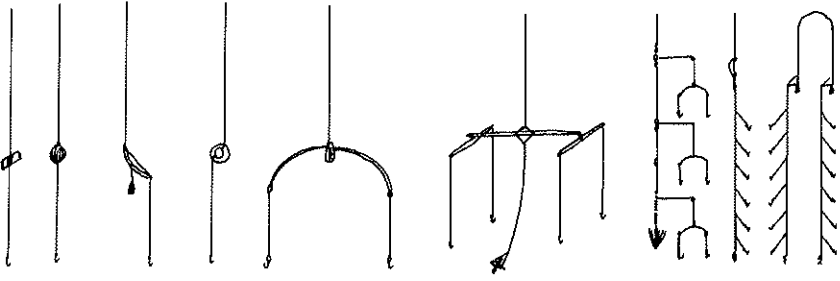


4.200 - ANZÓIS

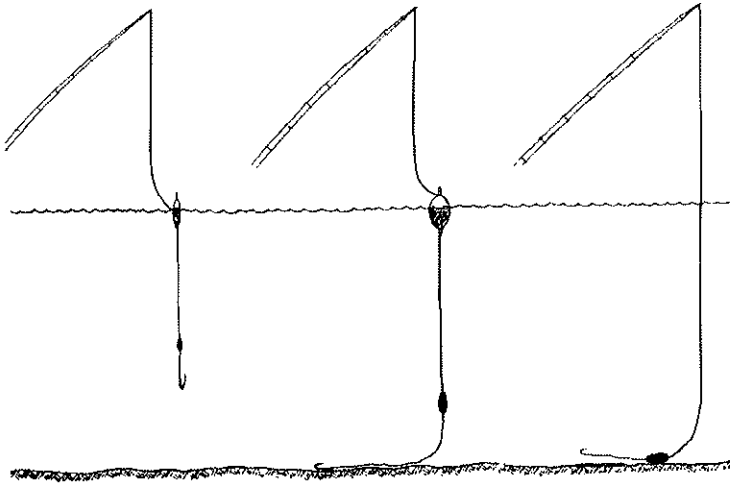


4.200 - ANZÓIS (Com amostras)

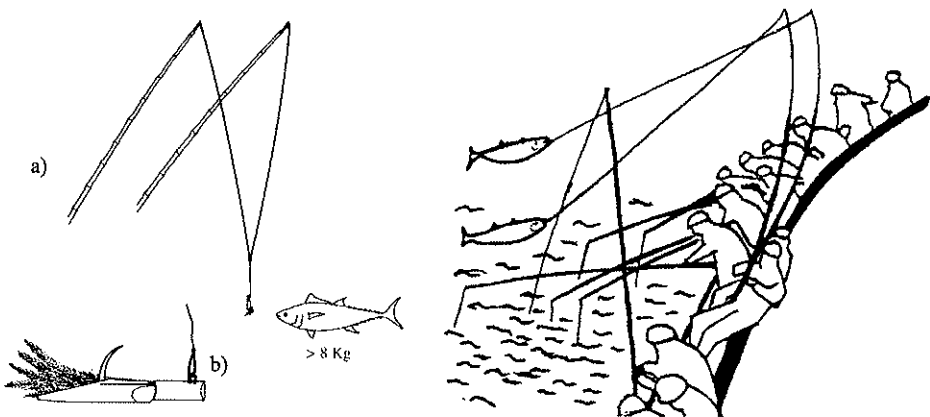
divisões, atribuindo especial relevo ao *corrico* (ou corripo) - por se tratar de linhas rebocadas - e, pela importância especial que revelam na pesca dos tunídeos, o *salto* e a *vara* (vardasca, vardascão). São, ainda, merecedores de especial realce tipos de aparelhos como a *linha de mão* (que inclui a cana de pesca marítima), a *linha fundeada* (fixa ou apoiada) e a *linha derivante* (ou de deriva) - e as linhas de muitos anzóis nas modalidades de *espinel* (ou espinhel) - de madre vertical - e de *palangre* - quando a madre, tipicamente, se dispõe mais ou menos paralelamente ao fundo - (palanqueado ou não).



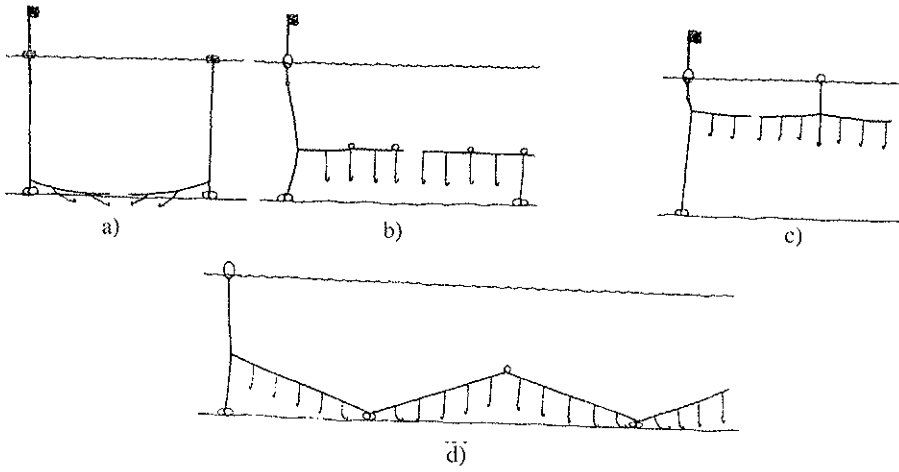
4.211 - LINHA DE MÃO



4.212 - LINHA DE MÃO (Cana de Pesca)

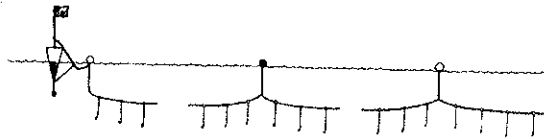


4.214 - LINHA DE MÃO  
a) – Vara; b) – Anzol lastrado.

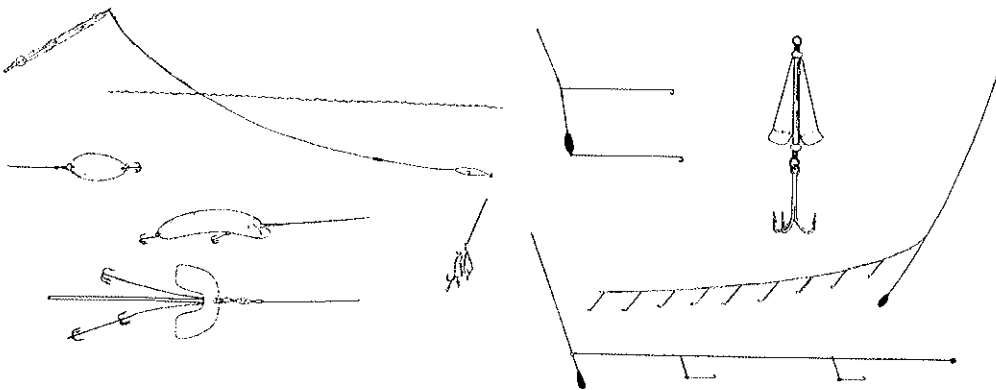


#### 4.221 - PALANGRE FUNDEADO

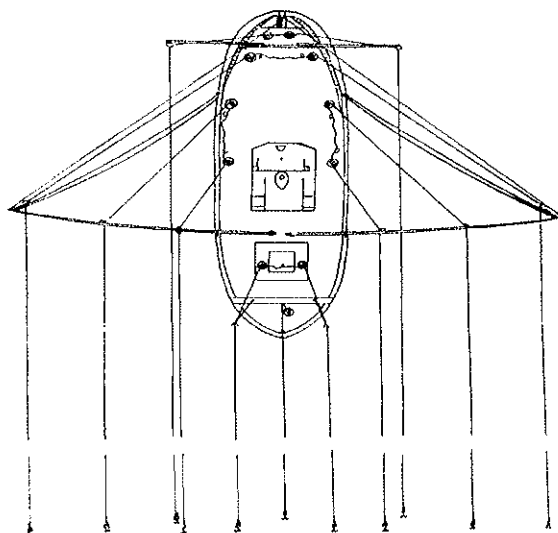
a) – de fundo; b) – “alvorado”; c) – de sub-superfície; d) – de fundo, palanqueado.



#### 4.222 - PALANGRE DERIVANTE

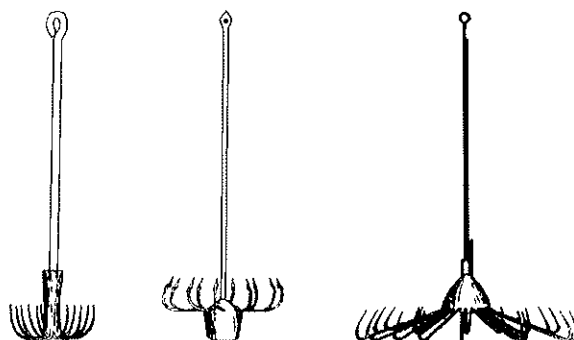


#### 4.240 - LINHA REBOCADA (Corrico)

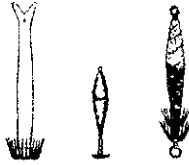


4.240 - LINHA REBOCADA (Corrico, com retrans)

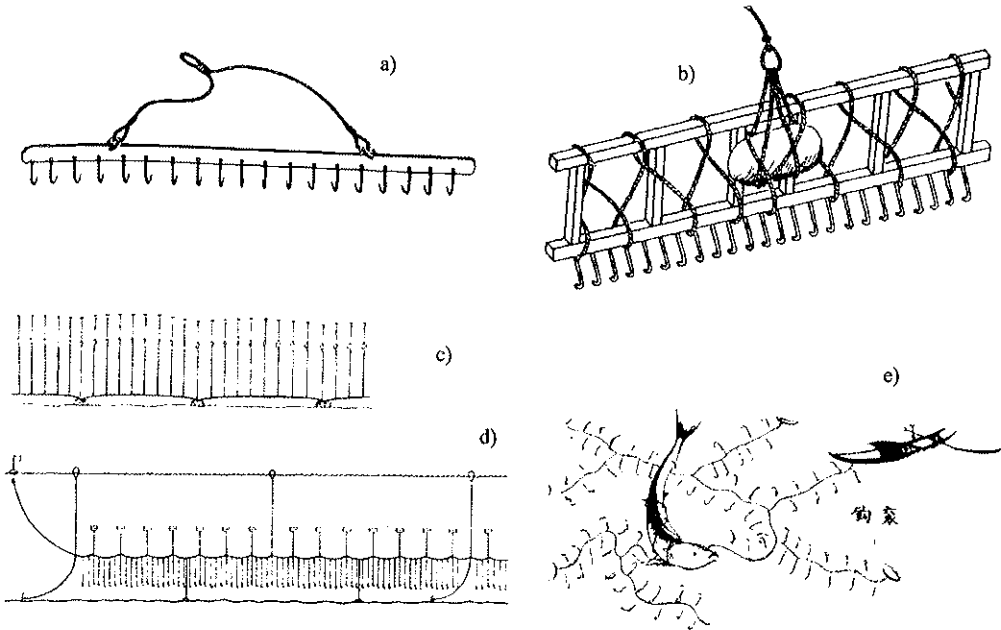
Quanto ao agrupamento **4.30 - Utensílio de dilacerar**, que muito frequentemente é constituído por um corpo central, alongado, dispendo de múltiplas pontas aceradas, sem barbela, pode considerar-se como envolvendo dois conjuntos de artefactos: um com as característica atrás mencionadas, no qual se incluem as *toneiras* (ou taloeiras), empregues isoladamente, à mão, ou em séries de várias - neste caso frequentemente fazendo parte de dispositivos mecânicos mais ou menos automatizados, e, ainda, as *peteiras* - semelhantes a toneiras, usadas isoladamente e iscadas - para a captura do polvo e do choco; e outro conjunto que engloba a *zagaia* (conjunto de vários anzóis, por vezes desprovidos de barbela também, unidos pelas hastes de modo a formar uma coroa de “ganchos” que lembram uma pequena fateixa), e outros.



4.310 - UTENSÍLIOS DE DILACERAR (Peteiras)



#### 4.310 - UTENSÍLIOS DE DILACERAR (Toneiras)



#### 4.320 - UTENSÍLIOS DE DILACERAR

- a) e b) Dispositivos para arrastar, com ganchos;
- c) e d) Muitos anzóis não iscados;
- e) Pormenor de cerâmica chinesa antiga.

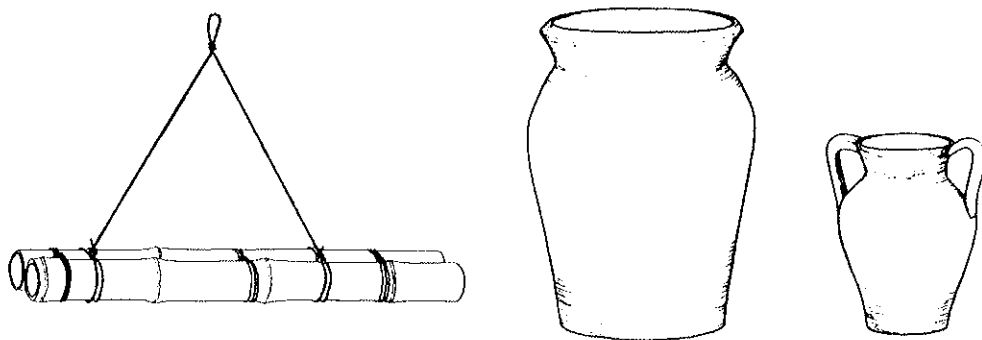
### Grupo 5 - PESCA POR ARMADILHAS

Este importante grupo reúne métodos e artes de pesca passivos nos quais a presa acaba por se colocar em posição que lhe dificulta ou impossibilita a fuga, sem que para isso tenha abandonado o seu elemento natural - a água<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> - Trata-se, aqui, de manter a classificação original de A. von Brandt. Caso não se force a restrição que refere a não saída da água por parte da presa, o grupo 6.00 - PESCA POR ARMADILHA DE SALTO poderá ser incluído neste grupo.

Como principais subdivisões considera-se:

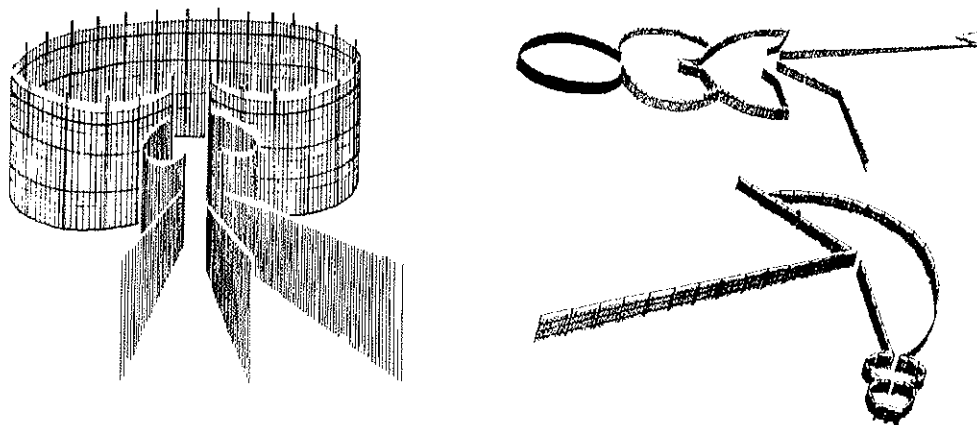
**5.10 - Armadilha de abrigo.** Retém a presa “sugerindo-lhe” uma falsa segurança. “Recriam-se” ambientes que parecem, à presa, locais de abrigo ou poiso onde poderia passar despercebida aos inimigos naturais ou onde, simplesmente, seja apetecível ou adequado descansar: o *feixe*, que, por exemplo, no emaranhado de caules e/ou raízes aquáticas, sugere um “ninho” para ocupar; o *pote*, o *alcatruz*, que cria a ilusão de se tratar de um “buraco” ou “toca” a aproveitar temporariamente, e outros. Também se inclui neste grupo o *botilhão* ou *bodilhão*, que é um saco de malha larga, cheio com “bodelha” (*Fucus* sp.), de modo a servir de abrigo para enguias.



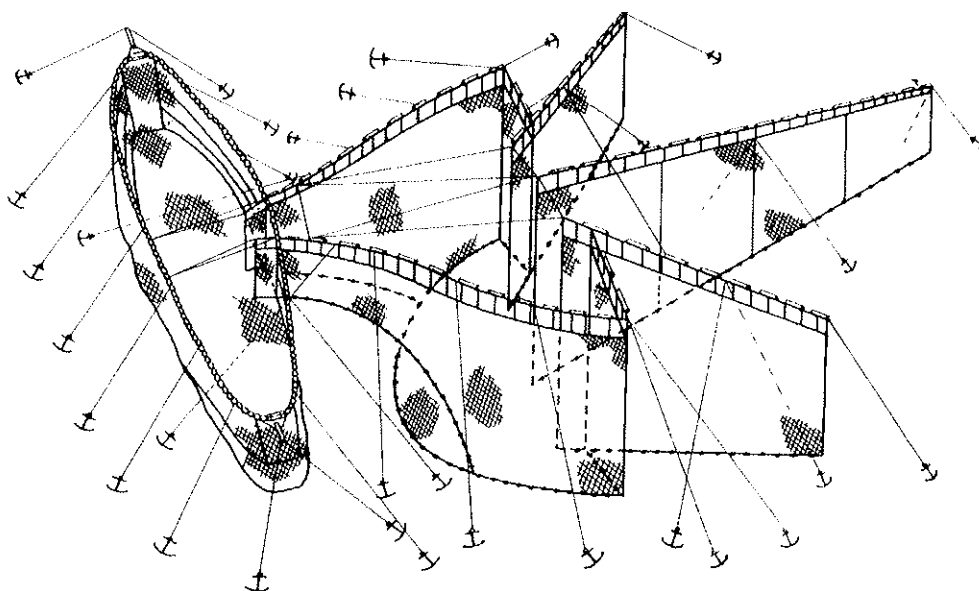
5.100 - ARMADILHAS DE ABRIGO

**5.20 - Armadilha de barragem.** As Barragens são obstáculos mais ou menos eficientes, à progressão normal do pescado (ou mesmo que a impedem drasticamente). De um modo geral são “paredes” ou “barreiras” verticais, labirínticas, dispostas sempre de modo a facilitar a entrada em determinada área ou dispositivo (de onde, posteriormente, será bastante mais difícil sair pelos próprios meios), mais frequentemente chamadas *estacadas* e *paliçadas*, ou podem ser simples obstáculos à passagem insistentemente procurada (concentrando, desse modo, os indivíduos a capturar) e cujo efeito pode ser potenciado pelo recurso a fenómenos de maré - *tapa-esteiros*. Quando, embora raramente, existe a preocupação de obter uma retenção selectiva (deixando escapar, com facilidade, indivíduos ou espécies de menores dimensões) pode falar-se em *barragens filtrantes*.

A *tela*, usada na captura do meixão, considera-se como uma barragem.

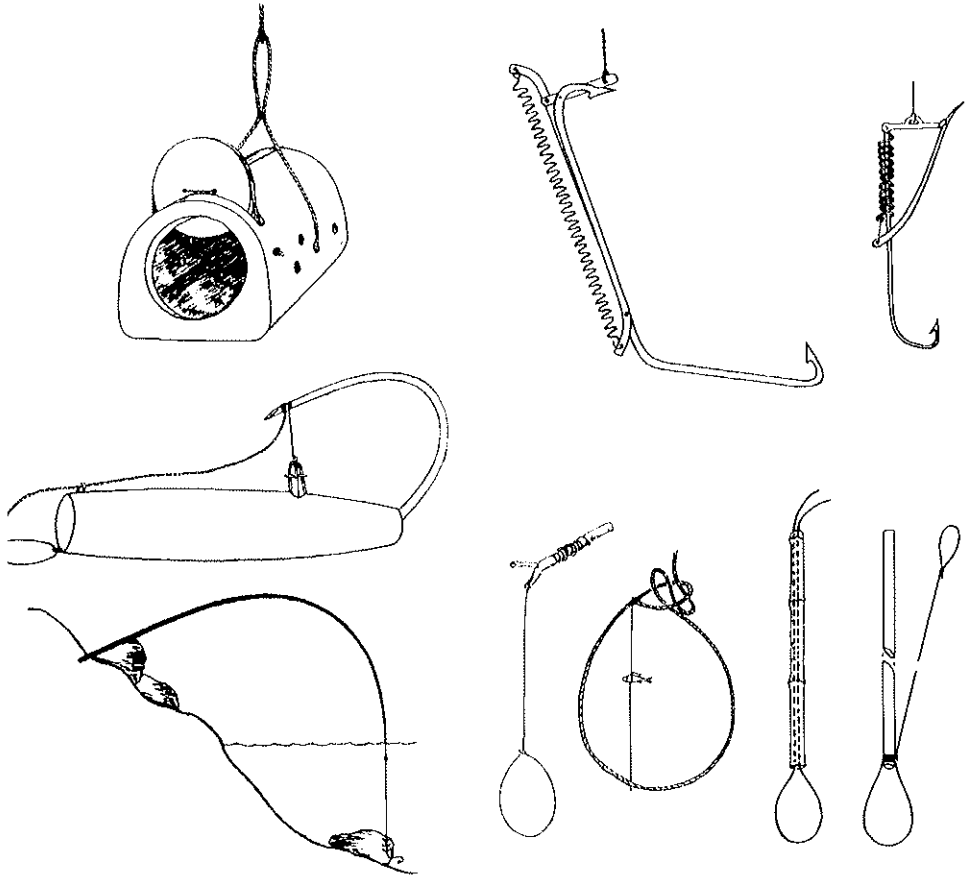


5.200 - ARMADILHAS DE BARRAGEM (Estacadas)



5.210 - ARMADILHA DE BARRAGEM (Armação)

**5.30 - Armadilha mecânica.** Utiliza, no seu funcionamento, forças de flexão, de torção ou de gravidade, aplicadas na construção de *ratoeiras* em tudo semelhantes às confeccionadas especialmente para a captura de roedores, de aves, ou de outros animais. A captura efectuada com *laços* armados faz parte deste grupo.



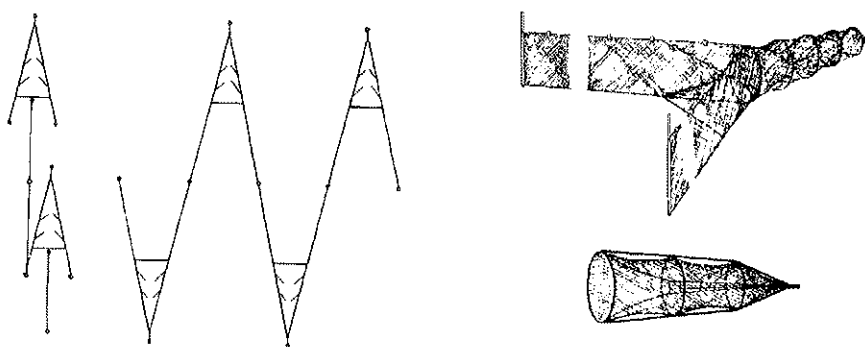
5.300 - ARMADILHAS MECÂNICAS

**5.50 - Armadilha tipo Gaiola** refere dispositivo de dimensões e forma muito diversas, entre as quais é possível distinguir, atendendo a características particulares, os sub-tipos *nassa* e *covo*<sup>5</sup>. Em todos os casos, porém, pelo menos quando estão “armadas” - isto caso permitam ser desmontadas ou dobradas de modo a facilitar o transporte e a arrumação a bordo, por ocuparem, assim, muito menos espaço -, são armadilhas constituídas por *estrutura rígida* tal que, por si só (*murejonas*) ou servindo de suporte a panos de rede, delimitam um compartimento cujo acesso é feito através de uma ou mais aberturas fáceis de franquear de fora para dentro (*endiches*), mas cuja utilização, em sentido contrário, é, na prática, vedado às presas.

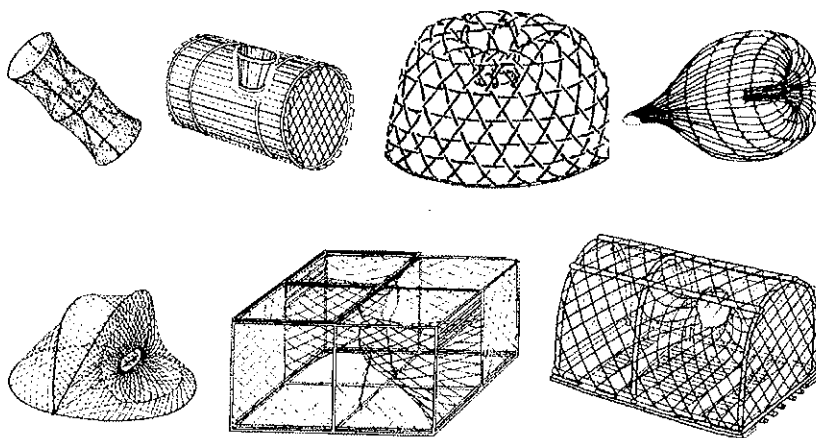
<sup>5</sup> - *Covo* e *Nassa* são termos usados com frequência como sinónimos.

O sub-tipo *covo* corresponde normalmente a gaiola rígida indismontável ou que se mantém aberta devido a canas ou varas ou outros dispositivos próprios para as armar (previamente à calagem), dispondo de um ou dois endiches. Armadilhas tipo covo, esferóides, com malha triangular rígida e um só endiche na parte superior, designam-se por **boscas** (no Norte) ou por **murejonas**.

O sub-tipo *nassa*<sup>6</sup> corresponde a gaiolas limitadas por rede flexível, dispondo de aros transversais circulares, desmontáveis, tipicamente com dois ou mais endiches; as nassas frequentemente são montadas no local de pesca com auxílio de varas verticais espetadas no fundo. Armadilhas deste sub-tipo, dispondo de um endiche exterior e, pelo menos, um endiche interior, chamam-se, em geral, **galrichos**.



5.510 - ARMADILHAS TIPO GAIOLA (Sub-tipo Nassa)



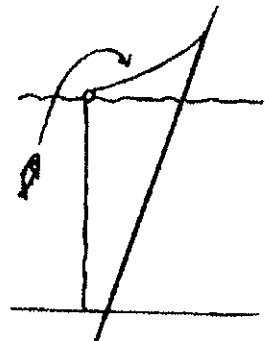
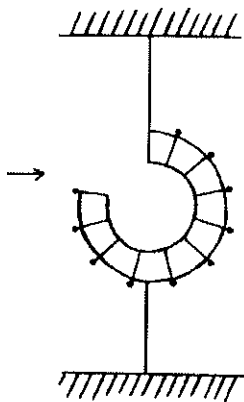
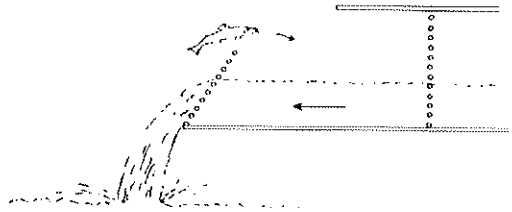
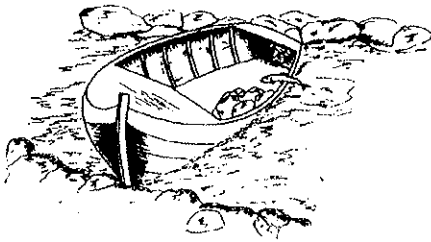
5.520 - ARMADILHAS TIPO GAIOLA (Sub-tipo Covo)

<sup>6</sup> - Nasso é sinónimo de endiche feito em rede flexível.

**5.60 - Armações** são armadilhas oceânicas de grande dimensão, semelhantes a barragens, que poderão eventualmente ser incluídas nesse sub-grupo, mas muito mais complexas na organização, composição e montagem. Podem destinar-se à captura de peixe diverso, mas são especialmente conhecidas as destinadas à pesca da sardinha (e/ou outros pequenos pelágicos) e à pesca de tunídeos.

### **Grupo 6 - PESCA POR ARMADILHA DE SALTO<sup>7</sup>**

Inclui artes e métodos de captura passivos que se distinguem dos do grupo anterior pelo facto da presa ser induzida a sair do meio aquático (*salta*, no ar) antes de ficar aprisionada (**Parreira**, por exemplo).



6.100 - ARMADILHAS DE SALTO

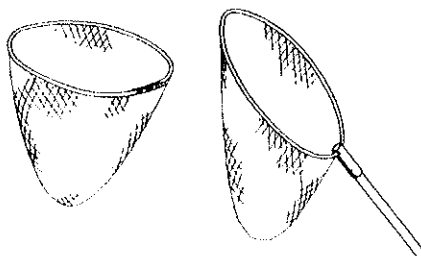
<sup>7</sup> - Ver nota referente ao grupo 5 – Pesca por Armadilhas.

## Grupo 7 - PESCA POR REDE DE SACO COM BOCA FIXA<sup>8</sup>

Devem ser consideradas aqui as artes com forma geral de saco, cuja boca seja mantida aberta por estrutura rígida tal que forma e dimensão se mantenham inalteradas durante toda a actividade correspondente à operação de pesca.

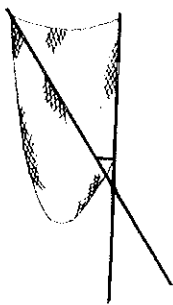
É frequente distinguir três sub-grupos:

**7.10 - Chalavar** que tem, geralmente, pequena dimensão e a estrutura rígida da boca circular (*chalavar, camaroeiro*); tipicamente a parte de rede é ampla, prolongando-se em saco mais ou menos longo, proporcionando, por isso, sempre algum “agasalho” à captura.



7.100 - REDE DE SACO COM BOCA FIXA (Tipo Chalavar)

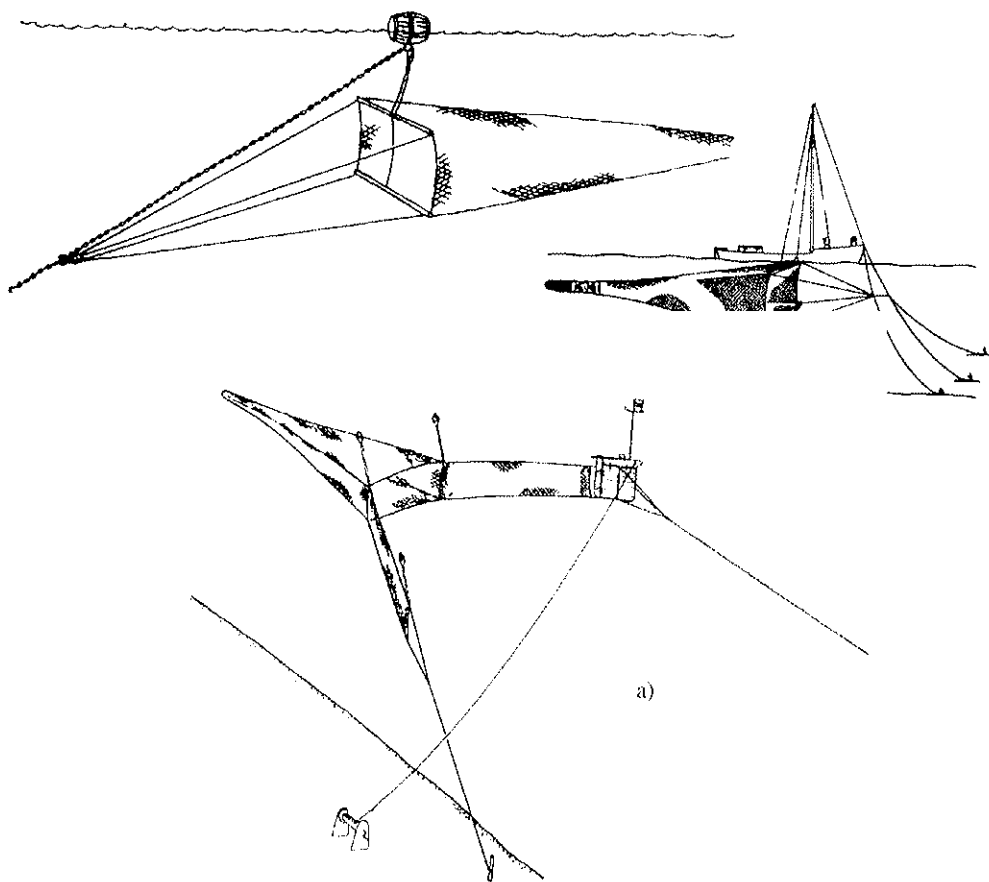
**7.20 - Colher**, de tamanho médio ou grande, podendo apresentar boca aproximadamente triangular como o *ganapão* e o *xalréu* ou *xalrão*. Tipicamente a boca do saco de rede é mantida aberta por estar montada em duas varas divergentes, com ponto comum fixo - em forma de X assimétrico.



7.200 - REDE DE SACO COM BOCA FIXA (Tipo Colher-Xalrão)

<sup>8</sup> - Sacos com boca fixa (7.00) como o Camaroeiro (tipo Chavalav = 7.10, que captura e agasalha (i.é, ensaca)), e a rapeta (tipo Colher = 7.20 que só captura) podem actuar como sacadas: (colher manual = 12.10).

**7.30 - Botirão**, quase sempre de grandes dimensões, possui estrutura rígida da boca tipicamente rectangular<sup>9</sup>. Fundeado, como arte passiva que é, aproveitada as correntes ou aguagens na sua acção capturante, e pode actuar à superfície, a meia-água ou no fundo. Na sua forma mais característica não possui asas; no entanto, para aumentar a eficiência, podem ser usados modelos com uma ou duas asas.



7.300 - REDE DE SACO COM BOCA FIXA (Tipo Botirão)  
a) – Botirão com asas.

<sup>9</sup> - A rede de arrasto de vara, de forma geral muito semelhante, por se tratar de uma arte activa (arrastante) é excluída deste grupo, evidentemente.

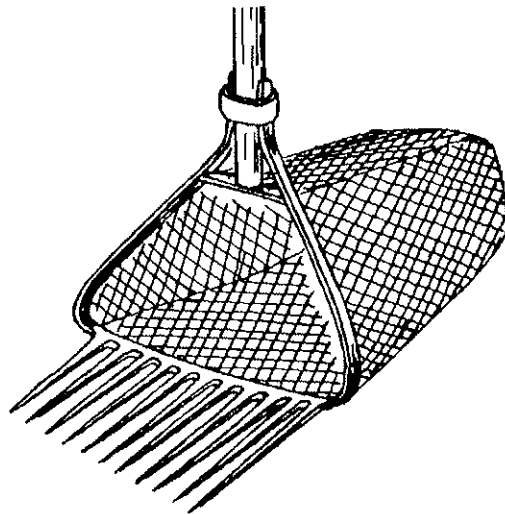
## **Grupo 8 - PESCA POR ARTE DE ARRASTAR**

Trata-se de um dos grupos mais importantes, sobretudo quando se pensa em pesca industrial. O grupo caracteriza-se por nele estarem incluídas redes essencialmente compostas por uma grande bolsa, geralmente prolongada para ambos os lados em relação ao plano vertical médio, por “asas” relativamente pequenas, e que são rebocadas a velocidade constante (quase sempre) e, também muito frequentemente, segundo trajectos bastante longos.

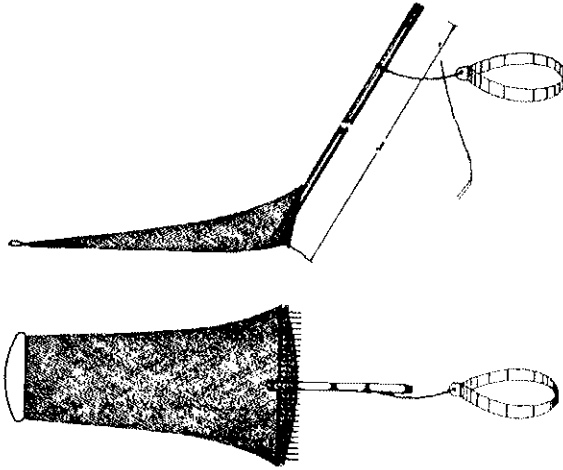
Se a abertura da rede de arrasto segundo o plano horizontal (*abertura horizontal*) for obtida pela tracção simultânea e ligeiramente divergente de duas embarcações (arrastões), fala-se em *arrasto de parelha*. Caso essa abertura seja provocada pela divergência de painéis rígidos especiais, convenientemente montados para esse fim (as “portas”), diz-se que se trata de *arrasto com portas*.

A rica diversidade das artes pertencentes a este grande grupo permite que se considerem os seguintes principais sub-grupos:

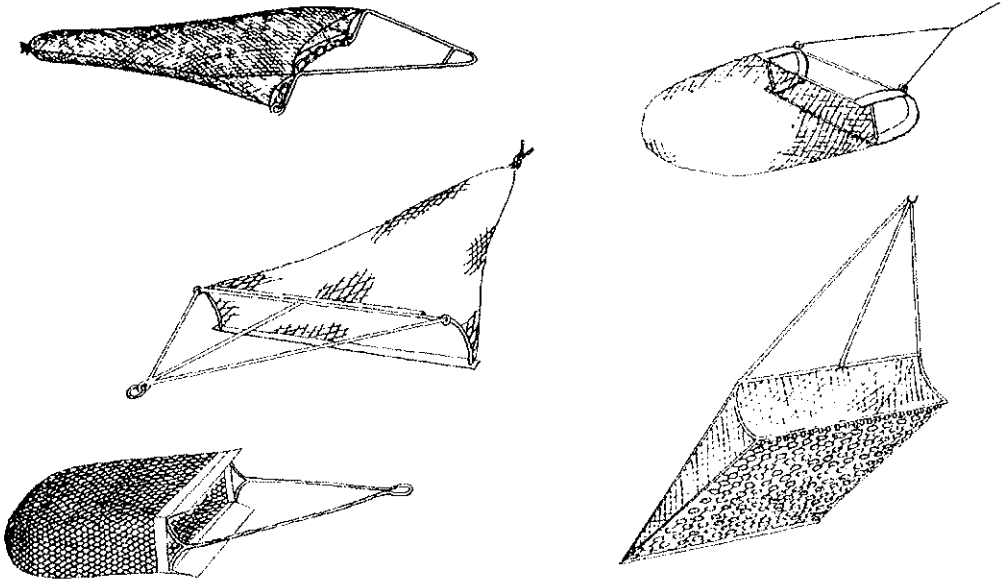
**8.10 - Draga** (Arrasto com draga) caso não existam asas e a boca da rede seja fortemente rígida, quase sempre provida, na região inferior, de dentes ou lâminas que se afundam no solo e o revolvem à medida que o dispositivo vai sendo rebocado sobre o fundo. A *draga de mão* pode mostrar alguma complexidade e engenho quando, à estrutura rígida da boca, se adapta um cabo (de massa) passado pela cintura do pescador e uma haste de madeira que tornam possível o reboque e a condução/manobra efectuadas pelo mariscador. Como exemplo de arte deste tipo, traccionada por uma embarcação, pode citar-se a *ganchorra*.



8.110 – ARRASTO COM DRAGA (Draga de mão)



8.110 - ARRASTO COM DRAGA (Draga de mão)  
Esquema de um “arrasto de cintura”

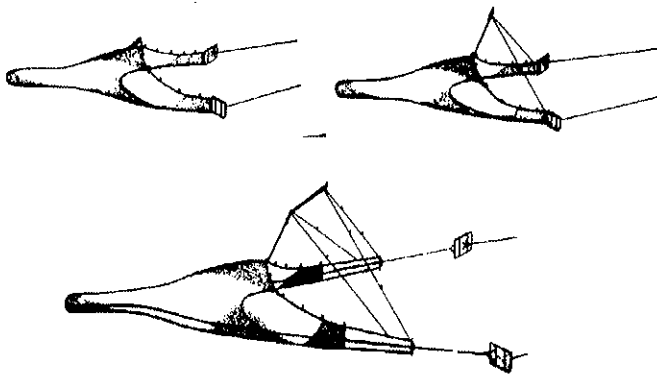


8.120 - ARRASTO COM DRAGA (Ganchorras)

**8.30 - Arrasto pelo Fundo** inclui uma grande diversidade de sub-divisões. A artes que apresentam a constituição “típica” do grande grupo, vem juntar-se a *rede de arrasto de vara*, a qual, para além de também não possuir asas, mantém a boca do saco de rede aberta por acção de uma vara horizontal (paralela ao fundo sobre o qual se desloca) fixa a estruturas laterais rígidas e verticais, munidas de patins na suas regiões inferiores (o que facilita o deslizamento sobre o fundo)<sup>10</sup>.

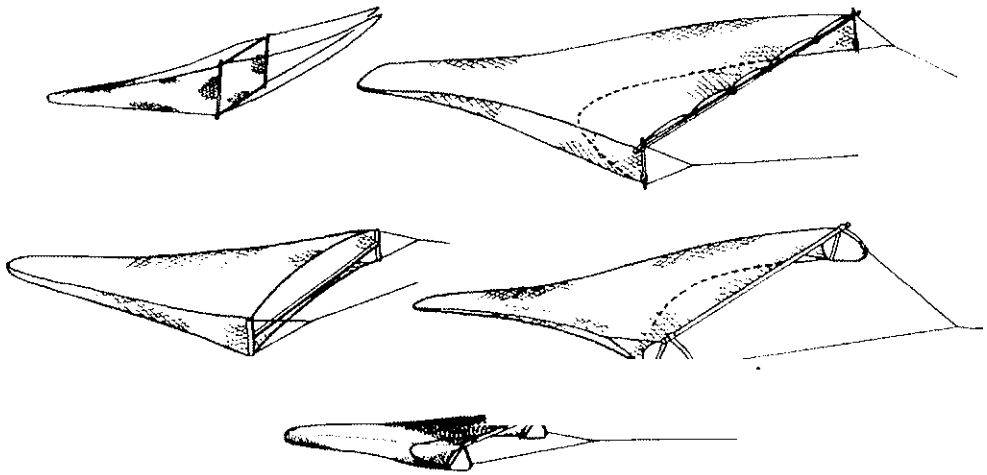
Em particular, se for utilizada a acção do vento sobre o velame das embarcações que praticam o arrasto, pode falar-se em *arrasto à vela*, assim como, frequentemente apenas por comodidade “administrativa”, se utilizam conceitos como *arrasto de peixe* e *arrasto de crustáceos*.

De notar, no entanto, que o *arrasto semi-pelágico* terá de ser sempre englobado no arrasto pelo fundo, mesmo tratando-se de uma modalidade de arrasto em que a rede (e/ou as portas) possam apresentar características que tornem o conjunto mais “aligeirado” e, por isso, menos agressivo para os fundos marinhos, possibilitando simultaneamente uma velocidade de actuação superior ao das redes “clássicas”.



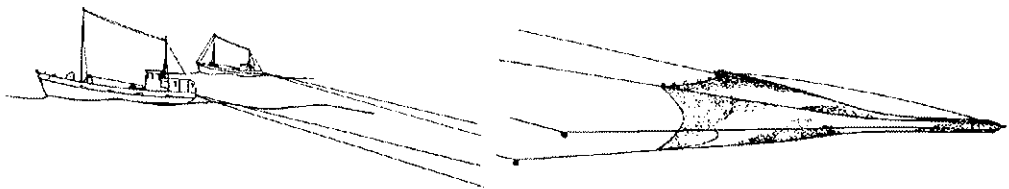
8.330 - ARRASTO PELO FUNDO (Arrasto clássico, com portas)

<sup>10</sup> - A *rede de arrasto de vara* pode não dispor de patins. Por vezes, tal como acontece na costa norte, são duas varas de materiais com diferentes pesos específicos que proporcionam a abertura da rede; são também conhecidas redes de arrasto de vara nas quais a boca abre por acção de vara horizontal média, à qual se ligam, nos extremos, pequenas varas verticais.



8.320 - ARRASTO PELO FUNDO (Arrasto de vara)

**8.40 - Arrasto Pelágico**, inclui as modalidades de arrasto nas quais se pretende que a arte actue a meia-água ou à superfície ou sub-superfície, havendo sempre a preocupação de poder atingir velocidades de deslocamento elevadas - embora mantendo grandes aberturas na boca da rede (graças a alongamento das redes, diminuição dos diâmetros dos fios, aligeiramento do armamento) -, e não dispor de protecções nas portas e/ou nas partes inferiores da rede especialmente destinadas a permitir que essas estruturas possam tocar no fundo sem sofrerem avarias mais ou menos graves.



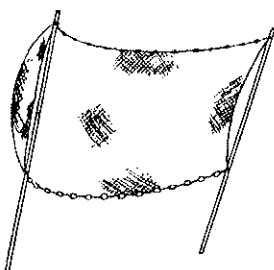
8.440 - ARRASTO PELÁGICO Na figura: Arrasto de Parelha

## Grupo 9 - PESCA POR ARTE ENVOLVENTE-ARRASTANTE

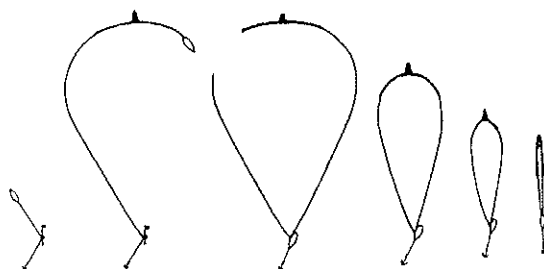
O próprio nome do grupo reflecte o facto de se tratar de conjunto de artes que actuam arrastando, em parte, mas também utilizam o envolvimento ou cerco.

São artes de rede tipicamente constituídas por longas asas, bolsa situada na região central, frequentemente de reduzida dimensão (quando comparada com o tamanho das asas), por vezes inexistente. De um modo geral pescam ao ser aladas para terra, mas podem também ser aladas para embarcação, depois de, previamente, terem sido largadas de maneira a circundarem uma dada área.

**9.10 - Arte Envolvente-arrastante de mão** designa artes de pequena (ou média) dimensão operadas, à mão, por dois (ou poucos) pescadores. Casos há em que é utilizada uma embarcação para a largada, tal como acontece com a *redinha*; tipicamente, são os pescadores que entram na água e colocam a rede na posição desejada antes de iniciarem o processo de a “virarem” para terra - *côa*, *rede-pé*, *rede de duas varas*, etc.



9.100 - REDE ENVOLVENTE – ARRASTANTE (De mão)

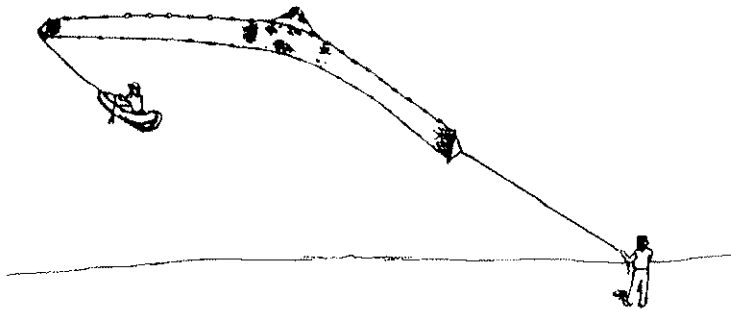


9.100 - REDE ENVOLVENTE – ARRASTANTE (Para bordo)

**9.20 - Arte Envolvente-arrastante (propriamente dita)** onde com facilidade se podem distinguir as *redes de alar para (a) praia*, como a *chávêga* e o *chinchorro*, das redes destinadas a serem *aladas para barco* (*rede dinamarquesa, mugiganga*).

Sendo algumas destas artes de grande dimensão (chegam a ter asas de 500 metros) são usadas com o auxílio de uma embarcação, que as larga depois de ter deixado em terra (ou de ter fundeado) um dos cabos de alagem - cabo *serrador*; essa embarcação regressa à praia (ou ao ponto onde fundeou o serrador), largando um outro cabo: - *mão-de-barca*.

Tipicamente, serrador e mão-de-barca são cabos compridos (com 300 metros ou mais).



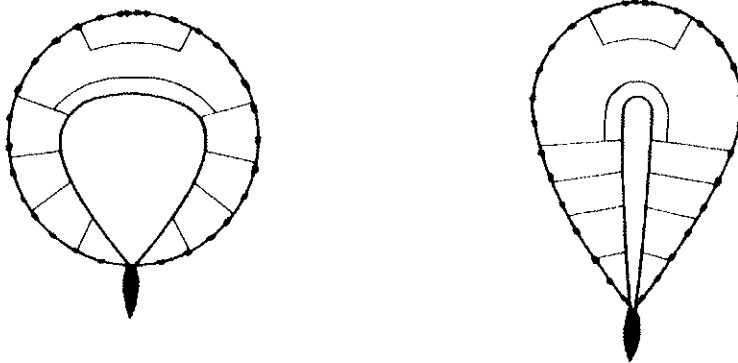
9.210 - REDE ENVOLVENTE – ARRASTANTE (Para praia)

### **Grupo 10 - PESCA POR ARTE ENVOLVENTE - CERCO**

De um modo muito geral, as artes aqui incluídas podem descrever-se como *longas e altas paredes de rede*, largadas por uma ou duas embarcações ao descrever uma larga trajetória circular, em águas relativamente profundas (tipicamente a altura da rede não lhe permite atingir o fundo), e que, quando imersas, tendem a tomar a *posição vertical*, dado que possuem, no seu limite superior, cabos com flutuadores que se mantêm à superfície e, em posição oposta, cabos com chumbo. Em fase posterior, estas redes, ao serem aladas para bordo da embarcação, levam a que as presas fiquem concentradas numa zona especialmente preparada para suportar a concentração do pescado que tenha ficado retido - a *copejada* -, de onde as capturas são, por fim, retiradas para bordo.

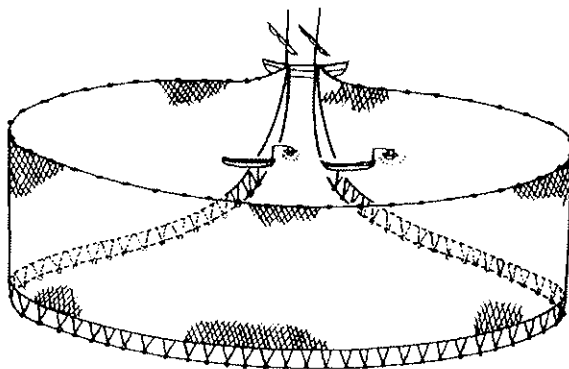
Atendendo à *malhagem* (tamanho ou dimensão da malha), aos comprimentos relativos dos *cabos das cortiças* (ou de flutuação) e dos *chumbos* (ou dos lastros) e à existência de argolas, montadas no cabo dos chumbos, por onde se pode fazer passar um outro cabo - a *retenida* - que permite fechar completamente a rede por baixo (formando uma enorme bolsa), podem distinguir-se:

**10.10 - Cerco tipo Lâmpara mediterrânica** contempla artes que não possuem retenida, a malhagem é progressiva (menores malhagens na região central, onde se localiza a copejada, malhas de maiores dimensões à medida que se encontram mais próximo dos extremos da rede) e tralha dos chumbos mais curta que o cabo de flutuação.



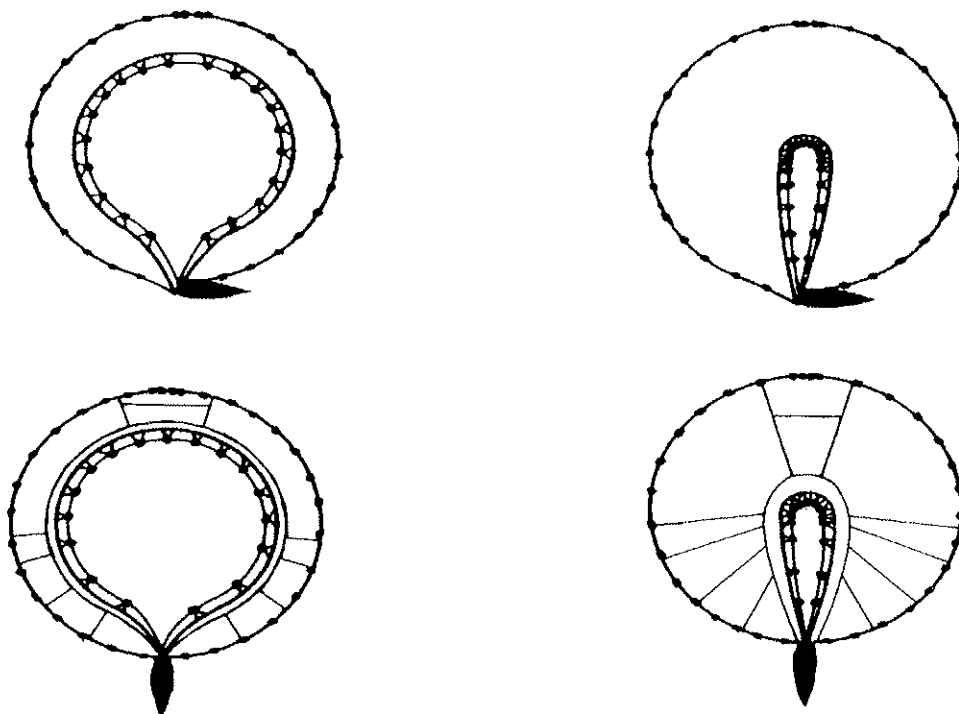
10.100 - CERCO TIPO LÂMPARA MEDITERRÂNICA

**10.20 - Cerco tipo Americano** inclui artes que dispõem de argolas e retenida, malhagem constante (tamanho da malha idêntico ao longo de toda a rede) e cabo dos chumbos um pouco maior que o cabo de flutuação. Tipicamente possuem a copejada num dos extremos; por vezes apresentam duas copejadas, estando a segunda zona de copejo situada próximo da região média da rede. Pertencem a este agrupamento o cerco praticado em Portugal, quer se trate de *rede de traineira*, quer seja uma *rapa*.



10.210 - CERCO AMERICANO Rede de Galeão, Rede de traineira, Rede de cerco

**10.30 - Cerco tipo Lâmpara sul-africana** quando a malhagem é progressiva, o cabo dos chumbos é menor que o cabo das bóias, mas possui argolas e retenida.



10.300 - CERCO TIPO LÂMPARA SUL - AFRICANA

### **Grupo 11 - PESCA POR ARTE DE LEVA**

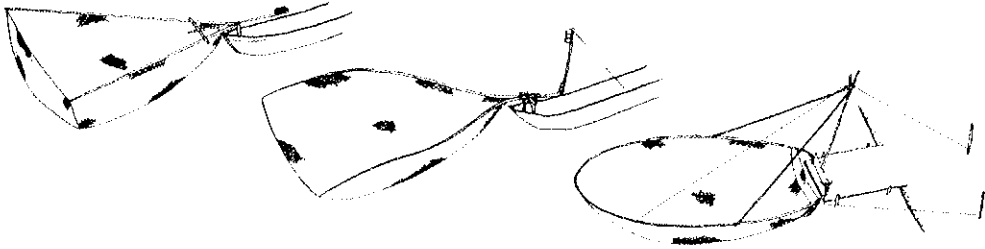
Inclui redes de tipos diversos, complementadas por outras redes ou outros artefactos que, convenientemente manobrados pelos pescadores, encaminham as presas para a rede (ou redes) principal. Neste grupo é possível distinguir:

**11.10 - Arte de Leva estacionária - fixa** quando a parte fundamental da arte não se desloca.

**11.20 - Arte de Leva móvel** se, durante a operação de pesca, é fundamental a ocorrência de deslocamento (ou de movimento) da parte principal da arte.

## Grupo 12 - PESCA POR SACADA

É um grande grupo constituído por artes, na sua maior parte de rede, que pescam por levantamento rápido quando a presa estaciona sobre ela.



12.000 - SACADAS (Colheres)

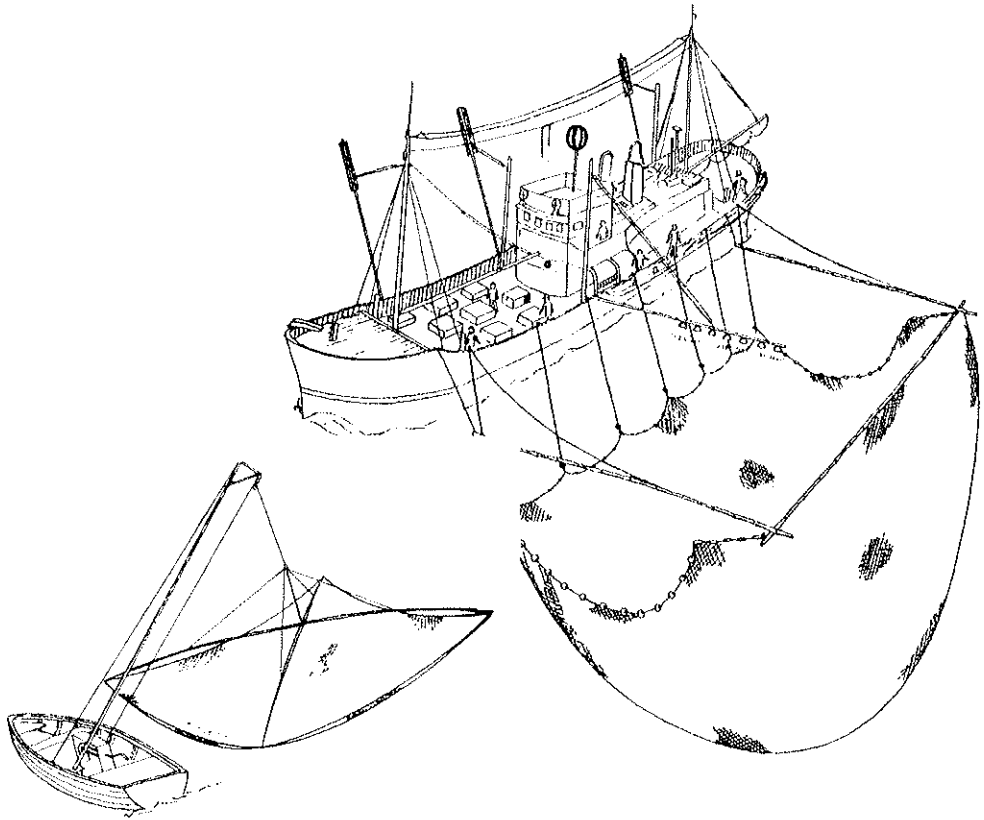
**12.10 - Colher manual** caracteriza o sub-grupo que comporta, de um modo geral, artes de dimensão pequena ou média, muito semelhantes a redes de saco tipo chalavar mas com distinto modo de operar. Aqui se classificam a *colher*, a *rapeta*<sup>11</sup>, o *camaroeiro*<sup>12</sup> (em parte), etc.

**12.20 - Sacada para embarcação** utiliza, como auxiliar do método de captura, uma ou duas embarcações dispendo de varas e cabos diversos que permitem o movimento da rede principal. As presas são colocadas a bordo empregando utensílios tais como o chalavar ou é a própria rede que desempenha essa acção; a localização (e/ou concentração) das presas em posição adequada à actuação da sacada recorre, com frequência, à utilização de *engodo* ou da *atracção luminosa*.

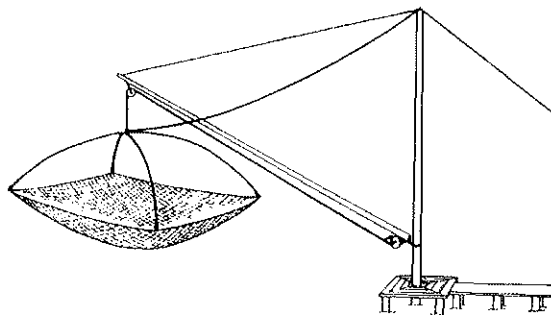
**12.30 - Sacada para terra** difere da anterior por dispensar o uso de embarcações, dado que é montada em terra (ou em estruturas do tipo “pontão” ou do tipo “cais”, aproveitadas ou construídas de propósito para o efeito).

<sup>11</sup> - Tradicionalmente redondo, em S. Martinho do Porto o aro da *rapeta* pode ser rectangular com a máxima dimensão até 1,00 m. Assim, a área da boca da rapeta pode ir de 0,785 m<sup>2</sup> (quando a boca seja circular) até 1,00 m<sup>2</sup> quando for quadrada c/ 1,00 de lado. O *capinete* poderá ser uma versão de rapeta com 20% a mais na área da boca...

<sup>12</sup> - O camaroeiro é, *por construção*, uma rede de saco tipo *chavalvar*. Quando iscado, para a pesca do camarão ou do caranguejo, por exemplo, é tipicamente, uma *sacada de mão*.



12.200 - SACADAS (Para embarcação)

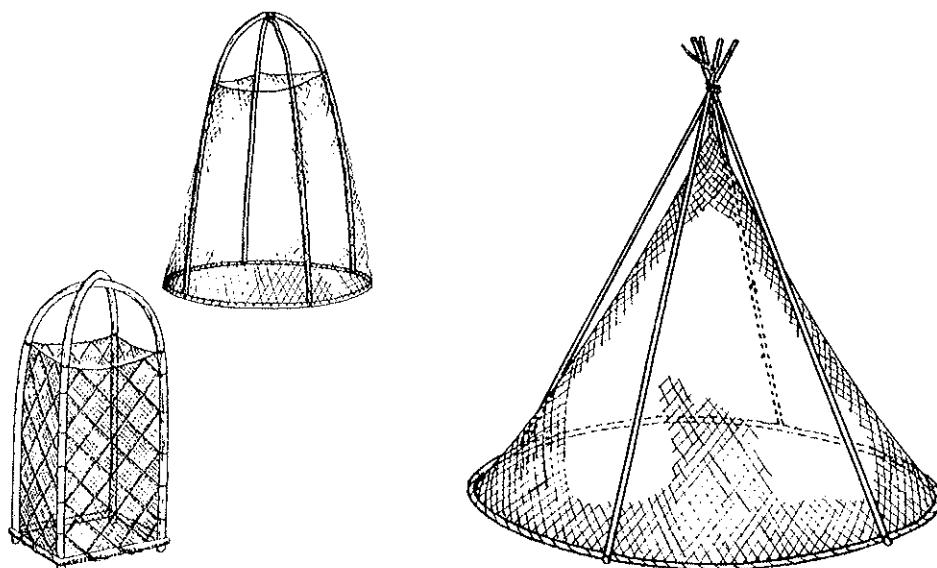


12.300 - SACADA (Para terra)

### Grupo 13 - PESCA POR ARTE LANÇADA

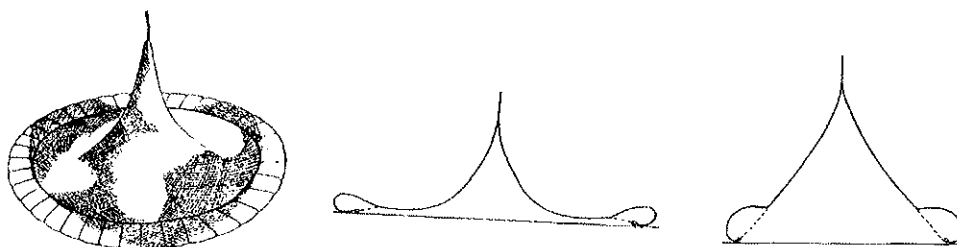
Encontram-se neste grupo as artes de pesca projectáveis a uma certa distância do pescador e tais que a captura resulta do envolvimento das presas sobre as quais a arte é atirada.

**13.10 - Campânula** quando construídas com rede rígida (não deformáveis com facilidade) podendo apresentar formatos e dimensões muito diversas.



13.100 - ARTES LANÇADAS (Campânula rígida)

**13.20 - Tarrafas** quando de rede flexível (multifilamentar), geralmente de formato circular e dotadas de “chumbadas” na orla periférica da rede e de estru-



13.200 - ARTES LANÇADAS (Tarrafa-de-mão)

turas especiais - *tentalos* - feitas com fios que, partindo da zona média da rede para a periferia da arte, permitem “fechar” a rede formando bolsa e, em sequência, operam a alagem do conjunto de modo a manter a bolsa formada a toda a periferia.

#### **Grupo 14 - PESCA POR ARTE DE EMALHAR**

Tipicamente são longas redes de formato geral rectangular, constituídas por um, dois ou três panos de diferente malhagem, mantidas em posição vertical devido a forças opostas produzidas por cabos de flutuação (ou de bóias) e cabos de lastros (ou de chumbos); por vezes são utilizadas isoladamente - **peças** - mas, com bastante maior frequência, são largadas emendadas constituindo longas séries - **caçadas**.

As presas, em princípio peixes e crustáceos, são retidas nestas estruturas por nelas ficarem seguras pelos opérculos, barbatanas, o próprio corpo, espinhos, antenas (**emalhe**), ou porque, em fase posterior, nelas se “empacham” (isto é: envolvem, **enredam**)<sup>13</sup>.

Os sub-grupos que, normalmente, é necessário ou conveniente considerar, atendem ao número de panos das peças, à fixação e à localização relativamente ao fundo:

**Redes de emalhar de um pano - *rascas*;**

**Redes de emalhar de dois panos** sobrepostos ou não;

**Redes de emalhar de três panos - *tresmalhos*;**

**Redes de emalhar fundeadas** ou fixas, ou apoitadas;

**Redes de emalhar de deriva** ou derivantes - para pelágicos grandes e pequenos;

**Redes de emalhar de superfície**<sup>14</sup>;

**Redes de emalhar de sub-superfície;**

**Redes de emalhar de meia-água;**

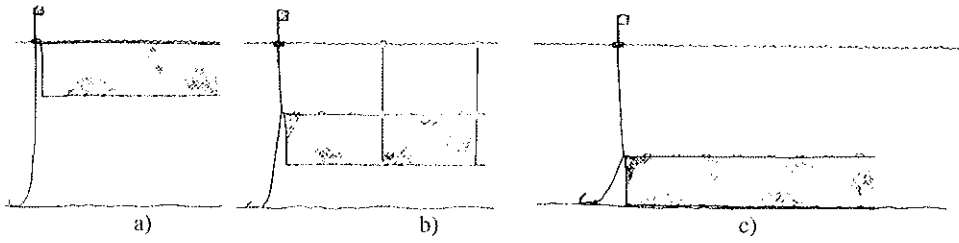
**Redes de emalhar de fundo**<sup>15</sup>.

---

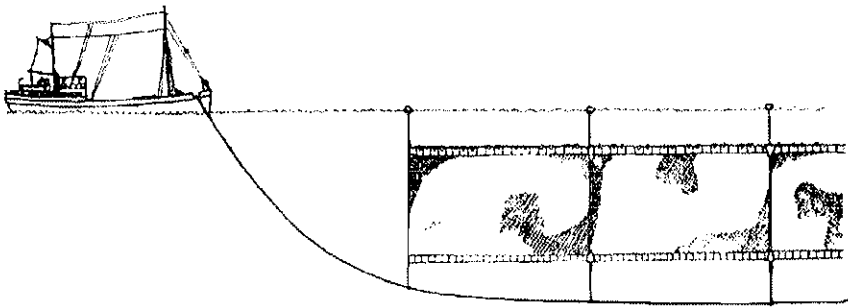
<sup>13</sup> - Considera esta Classificação **apenas** o grupo das **redes de emalhar**, incluindo as **artes de enredar** existentes nas propostas de von Brandt. Isto porque todas elas emalham e todas enredam, em parte pelo menos...

<sup>14</sup> - Normalmente **de deriva**.

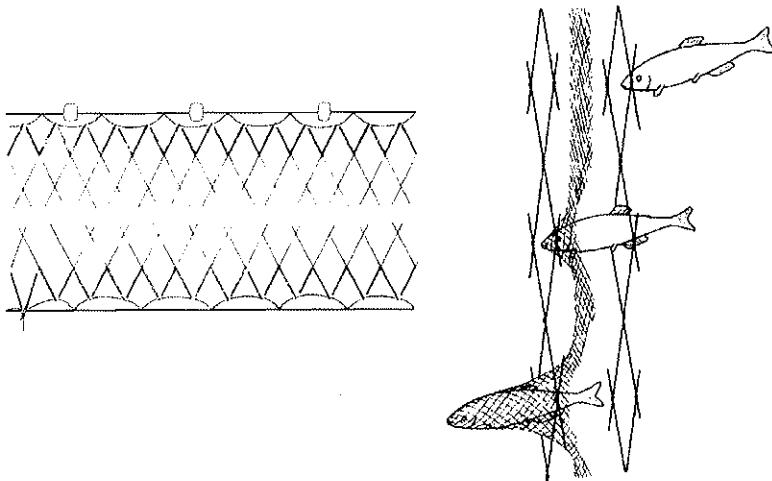
<sup>15</sup> - Quase sempre **apoitada**.



14.110 - REDES DE EMALHAR (De um pano, fundeadas)  
 a) - De superfície; b) - De meia-água; c) - De fundo.



14.120 - REDES DE EMALHAR (Um pano, derivante) – “CAÇADA”



14.300 - REDE DE EMALHAR DE TRÊS PANOS (Tresmalho)

## Grupo 15 - PESCA POR MÁQUINA DE COLHEITA

Inclui “verdadeiras” máquinas, destinadas à colheita de espécies aquáticas em moldes semelhantes a recolhas industriais, como **chupadores** (usados em conjunto com outros processos de pesca, tais como cerco, arrasto, pesca com electricidade), **dragas mecanizadas** (visando uma mais eficiente, fácil e rápida “escolha” dos organismos enterrados nos fundos), **compressores de ar manuais** (como a *bomba* - semelhante a bomba de ar de velocípede - que se destina à captura do “ralo”, no Algarve), e outros.

Os dois últimos grandes grupos propostos nesta classificação, constituem o resultado de imperativos e/ou de conveniências que se já foram apontados, e são:

## Grupo 80 - PESCA POR ARTES ESPECIAIS OU COM LICENÇA PRECÁRIA

Pesca com artes em desenvolvimento e/ou experimentação, ou licença para uma exploração especialmente cautelosa de espécies menos bem conhecidas ou em situação particular de risco.

## Grupo 99 - PESCA POR ARTE OU MÉTODO DESCONHECIDO

A pesca por artes ou métodos desconhecidos estão integrados nesta Classificação de Métodos e Artes de Pesca por razões óbvias, nada havendo aqui a especificar, salvo chamar a atenção para, no que respeita à **pesca de recreio**, se considera evidente e desejável que só deva incluir a apanha, o arpão (na caça submarina) e os aparelhos - estes últimos, sendo caso disso, com número bastante limitado de anzóis.

Finalmente, para além das Artes e Métodos de Pesca que acima se descreveram é conveniente referir que existem Métodos Auxiliares que podem permitir a captura ou aumentar consideravelmente a eficácia do utensílio ou do método de pesca utilizado. São hoje em dia muito conhecidos e usados os chamados **Dispositivos Concentradores**<sup>16</sup>, os quais, em nossa opinião, estão para além do âmbito desta Classificação.

<sup>16</sup> - **Auxiliares de Pesca - Dispositivos concentradores** mais comuns envolvem, em particular, a acção da Luz ou do Som (tais como a atracção pelo som - uso de determinadas frequências -, ou a repulsão pelo susto - **Batuque**).

- A “Sombra” - consegue-se em dispositivos concentradores (derivantes ou fundeados), que são particularmente eficazes para tunídeos, “peixes-voadores”, etc.

## PUBLICAÇÕES AVULSAS DO INIP

### 1982

- N.º 1 - PESCA ARTESANAL NA COSTA ALGARVIA, SUBSÍDIO PARA O CONHECIMENTO DO SEU ESTADO ACTUAL - Fernando Correia da Costa; Maria de Lourdes Paes de Franca.
- N.º 2 - PESCA ARTESANAL NA COSTA ALGARVIA. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA - Maria de Lourdes Paes de Franca; Fernando Correia da Costa; Carlos Calado (Fotografias).

### 1984

- N.º 3 - PESCA ARTESANAL NA ZONA CENTRO DA COSTA OCIDENTAL PORTUGUESA. SUBSÍDIO PARA O CONHECIMENTO DO SEU ESTADO ACTUAL - Maria de Lourdes Paes de Franca; Fernando Correia da Costa.
- N.º 4 - PESCA ARTESANAL NA ZONA CENTRO DA COSTA OCIDENTAL PORTUGUESA. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA - Fernando Correia da Costa; Maria de Lourdes Paes de Franca; Carlos Calado (Fotografias).

### 1985

- N.º 5 - CONTRIBUIÇÃO PARA A DIVULGAÇÃO DAS PRINCIPAIS ARTES DE PESCA AO "ATUM" - Alberto M. Leite; David B. Gil; Fernando C. Costa; Fernando R. Rebordão.

### 1986

- N.º 6 - PESCA ARTESANAL NA ZONA NORTE DA COSTA OCIDENTAL PORTUGUESA. SUBSÍDIO PARA CONHECIMENTO DO SEU ESTADO ACTUAL - Fernando Correia da Costa; Maria de Lourdes Paes de Franca.
- N.º 7 - PESCA ARTESANAL NA ZONA NORTE DA COSTA OCIDENTAL PORTUGUESA. DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA - Maria de Lourdes Paes de Franca; Fernando Correia da Costa; Carlos Calado (Fotografias).
- N.º 8 - PEIXES DE INTERESSE COMERCIAL. (LISTA DE NOMES PORTUGUESES) - J. G. Sanches.
- N.º 9 - NOMENCLATURA E DIAGNOSE DOS PRINCIPAIS PEIXES MARINHOS DE PORTUGAL (CICLÓSTOMOS, SELÁCEOS E HOLOCÉFALOS) - J. G. Sanches
- N.º 10 - DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DAS CATEGORIAS DE ARTES DE PESCA - C. Nédémec. Versão Portuguesa de: Alberto M. Leite; David B. Gil; João Viegas; Manuel B. Metelo.

### 1987

- N.º 11 - CONTRIBUIÇÃO PARA O CONHECIMENTO DA PESCA DO RIO GUADIANA, EM PARTICULAR NO BAIXO GUADIANA - Maria de Lourdes Paes de Franca; Fernando Correia da Costa; Maria de Fátima Rosa Lopes.
- N.º 12 - JORNADAS SOBRE NUTRIÇÃO EM AQUACULTURA. NATO WORKSHOP ON NUTRITION. (NATO SCIENCE FOR STABILITY PROGRAMME) - Lisboa, 29 - 31 Janeiro 1985.

### 1988

- N.º 13 - DEFINIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS TIPOS DE NAVIOS DE PESCA. (FAO FISH. TECH. PAP. N.º 267) - Versão Portuguesa de: Alberto M. Leite; David B. Gil; Manuel B. Metelo; Dagoberto S. Ferraz.

### 1989

- N.º 14 - NOMENCLATURA PORTUGUESA DE ORGANISMOS AQUÁTICOS. (PROPOSTA PARA NORMALIZAÇÃO ESTATÍSTICA) - J. G. Sanches.
- N.º 15 - HISTOIRES NATURELLES FRANCO-PORTUGAISES DU XIX<sup>e</sup> SIÈCLE - Jacques Daget; Luiz Saldanha.

## **1991**

- N.º 16 - CATÁLOGO DOS PRINCIPAIS PEIXES MARINHOS DA GUINÉ-BISSAU - J.G. Sanches.
- N.º 17 - COLÓQUIO "CONSERVAÇÃO DOS RECURSOS VIVOS MARINHOS" - INIP, Lisboa, 25 - 27 Setembro 1989.
- N.º 18 - GUIA DE IDENTIFICAÇÃO DO PESCADO DE PORTUGAL SUBMETIDO A TAMANHO MÍNIMO DE CAPTURA - J. G. Sanches.

## **1992**

- N.º 19 - SEMINÁRIO SOBRE AQUACULTURA MEDITERRÂNICA 91 - INIP, Lisboa, 11 - 13 de Dezembro 1991.

## **1993**

- N.º 20 - MANUSEAMENTO DO PESCADO - Irineu Batista; Maria Leonor Nunes.
- N.º 21 - FUMAGEM DE PEIXE - Irineu Batista; Maria Leonor Nunes.
- N.º 22 - SALGA E SECA DE PEIXE. UM GUIA PRÁTICO - Irineu Batista; Maria Leonor Nunes
- N.º 23 - COMO MARIA MELHOROU O SEU POSTO DE VENDA E OS NEGÓCIOS PROSPERARAM - Irineu Batista; Maria Leonor Nunes (Tradução Portuguesa).
- N.º 24 - A GUERRA DA SUJIDADE. CONTROLO SANITÁRIO NA INDÚSTRIA DA PESCA - Irineu Batista; Maria Leonor Nunes (Tradução Portuguesa).

# **PUBLICAÇÕES AVULSAS DO IPIMAR**

## **1994**

- N.º 1 - SEMINÁRIO SOBRE RECURSOS HALIÉUTICOS, AMBIENTE, AQUACULTURA E QUALIDADE DO PESCADO DA PENÍNSULA DE SETÚBAL - Setúbal, 26 - 27 Abril 1994

## **1996**

- N.º 2 - CATÁLOGO DOS PEIXES DO ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE - F. Reiner

## **2000**

- N.º 3 - MANUAL SOBRE DOENÇAS DE PEIXES ÓSSEOS - Jaime Menezes



**IPIMAR**

Instituto de Investigação  
das Pescas e do Mar